

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
THIAGO PACHECO FERREIRA

O PENSAMENTO DE MAX HORKHEIMER NOS ANOS 1930:
FILOSOFIA E RESISTÊNCIA

Mestrado em Filosofia

São Paulo
2013

THIAGO PACHECO FERREIRA

**O PENSAMENTO DE MAX HORKHEIMER NOS ANOS 1930:
FILOSOFIA E RESISTÊNCIA**

Mestrado em Filosofia

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Filosofia, sob a orientação da professora doutora Sônia Campaner Miguel Ferrari.

São Paulo

2013

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

In the shadow, boy meets man

Twilight – U2

Não teria sido possível fazer este trabalho sozinho. Embora a leitura e a escrita sejam momentos solitários, inúmeras pessoas colaboraram para esta dissertação. A primeira delas é a professora Sônia Campaner Miguel Ferrari, a quem agradeço pela orientação, pela confiança e pela paciência. Agradeço também aos outros docentes da Filosofia, que me ajudaram desde a graduação, e mesmo fora da sala de aula, a ver o mundo de outra forma. Não poderia deixar de citar, nominalmente, os professores Salma Muchail (que me ensina muito mais que Filosofia nas manhãs de quarta-feira de Consun), Antonio Valverde, Márcio Fonseca, Mario Porta, Silvia Sampaio, Constança Pissarra e Jeanne Marie Gagnebin (cujas contribuições na banca de qualificação foram importantíssimas). Agradeço ainda à PUC-SP, pela inestimável formação – à qual tento responder com dedicação e suor.

Agradeço também aos colegas da ACI, tanto aqueles com quem ainda trabalho e compartilho o cotidiano (Carlos Casanova Jr., Renato Laurentino, Bete Andrade e Priscila Lacerda) quanto aqueles que já passaram pelo setor, em especial a sempre presente Vera Lucas. Agradeço aos novos colegas de ACI, Claudio Junqueira e Marc Tawil. E agradeço, especialmente, à Thaís Polato, companheira de mais de 10 anos de PUC-SP.

Devo muito a meus amigos e familiares. Tão longe quanto a árvore genealógica permite ver, começo agradecendo Ruth e Iná (pela doçura de avó), Milton e Darcy (pela picardia de avô). À Alberto Luiz e Norma Jeanne, pela vida, carinho, incentivo, apoio incondicional e ensinamentos que me proporcionaram (espero responder sua esperança à altura). À nova família, que me ajudou a encontrar tempo para a loucura do mestrado em meio à loucura da paternidade: meus sogros, Diclá e Gildo; Suzel e Nerá, as tias; meus cunhados (Sérgio e Claudia, Guilherme e Juliana, Nádia e Fernando, Flávio). Sou muito grato também aos amigos da Sorocasa: Rodolfo, Juca, Talita, Joyce e Stefan.

Mas agradeço, sobretudo, a duas pessoas: Lucas, meu querido irmão, tão longe de mim quanto São Paulo de Brasília, orgulho e exemplo de liberdade. E Sandra, minha linda, que me deu a honra de participar de sua vida, até o fim do mundo. Em meio à escuridão, *You lead me on with those innocent eyes.*

Para Alice, a princesa de Copas. Tão tarde até que arde.

RESUMO

Esta dissertação pretende discutir o pensamento de Max Horkheimer ao longo da década de 1930. O objetivo é mostrar o desenvolvimento teórico do filósofo durante aquele período, explicando de que maneira o materialismo interdisciplinar proposto por ele ao assumir a direção do Instituto de Pesquisas Sociais (IPS), em 1931, se transforma no materialismo transdisciplinar expresso no ensaio *Teoria tradicional e teoria crítica*, de 1937. Ao realizar este estudo, apresentamos como se deu a gênese da teoria crítica, referência teórica para os pensadores colocados sob o rótulo da “Escola de Frankfurt”. Apontamos como o artigo de 1937, considerado o “manifesto” da teoria crítica, na verdade resulta de um aprimoramento da interpretação do materialismo dialético que Horkheimer efetua ao longo da década (afastando-se do viés determinista que os partidários da revolução proletária deram ao pensamento de Karl Marx). Mostramos como o desenvolvimento teórico horkheimeriano, naquele período, se baseia nas tentativas de resistir à movediça conjuntura social, econômica e política da época, buscando condições para superar o modo de produção capitalista e estabelecer uma sociedade emancipada e racionalmente organizada em prol da coletividade (e não de interesses particulares). Assim, no começo da década de 1930, quando a revolução ainda parecia possível (por meio de uma transformação da base material realizada pela classe social proletária), Horkheimer propõe um tipo de materialismo mais próximo de Marx, com a economia no centro do arranjo das demais ciências. Porém, o avanço do totalitarismo nazista e a paralisia do movimento operário, além do seu exílio nos Estados Unidos (a partir de 1934), lentamente fizeram com que o filósofo tivesse que rever as formas de resistência possíveis naquela nova conjuntura. Isto o levou a propor um novo modelo teórico que incorporava a psicanálise e retirava o papel central da economia. Este arranjo transdisciplinar buscava romper as barreiras das ciências especializadas, usando os conceitos delas para além do ordenamento de cada disciplina particular. A tal modelo Horkheimer deu o nome de teoria crítica.

Palavras-chave: resistência, materialismo, teoria crítica, emancipação.

ABSTRACT

This dissertation discusses the thought of Max Horkheimer during the 1930s. The aim is to show the theoretical development of the philosopher during that period, explaining how the interdisciplinary materialism he proposed so he took the helm of the Institute for Social Research (ISP), in 1931, becomes the transdisciplinary materialism expressed on the essay *Traditional theory and critical theory*, from 1937. By conducting this study, we present how was the genesis of critical theory, the theoretical reference for thinkers placed under the label of the “Frankfurt School”. We point out that the 1937 article, considered the “manifest” of critical theory, actually results in an enhancement of the dialectical materialism interpretation that Horkheimer performs throughout the decade (away from the deterministic bias that supporters of proletarian revolution gave to Karl Marx thought). We show how Horkheimer’s theoretical development in this period is based on attempts to resist the social, economical and political shifting conjuncture of the time, seeking for conditions to overcome the capitalist production model and establish an emancipated and rationally organized society in favor of the community (and not particular interests). Thus, in the early 1930s, when the revolution still seemed possible (through a transformation of the material basis conducted by the proletarian class), Horkheimer proposes a kind of closer to Marx materialism, with economy at the center of the other sciences arrangement. However, the advance of nazist totalitarianism and paralysis of the worker’s movement, in addition to his exile in the United States (from 1934), slowly meant that the philosopher had to review the possible ways of resistance at that new conjuncture. This led him to propose a new theoretical model that incorporated psychoanalysis and removed the central role of the economy. This transdisciplinary arrangement sought to break the barriers of specialized sciences, using their concepts beyond each particular discipline planning. As such model Horkheimer gave the name of critical theory.

Keywords: resistance, materialism, critical theory, emancipation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O CONTEXTO HISTÓRICO ENTRE OS ANOS 1920 E 1930	12
1.1 A crise da ordem liberal burguesa	12
1.2 A crise da ciência e o marxismo acadêmico	16
2 A RESISTÊNCIA NO INÍCIO DOS ANOS 30: O MATERIALISMO INTERDISCIPLINAR	23
2.1 As origens da filosofia burguesa	23
2.2 A articulação entre a filosofia e a ciência especializada: resistência possível ..	33
3 A RESISTÊNCIA AO LONGO DA DÉCADA DE 30: A INCORPORAÇÃO DA PSICANÁLISE	38
3.1 Nazismo e paralisia operária	38
4. A TEORIA CRÍTICA COMO RESISTÊNCIA TRANSDISCIPLINAR	56
4.1 Teoria tradicional: a “tese”	56
4.2 Teoria crítica: a “antítese”	61
5 CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80

INTRODUÇÃO

Não podemos esquecer: foi Max Horkheimer quem começou tudo. Bom, não exatamente. Antes dele houve Lukács, e Freud, e Marx, e Hegel, e até Kant. Isso quer dizer que o pensamento de Horkheimer é resultado de uma linha que se estende desde o Iluminismo, mas não quer dizer que esse mesmo pensamento seja mera apologia ou continuidade da obra dos filósofos citados. Horkheimer utiliza sua herança de forma a atualizar algumas das questões que estes seus antecessores abordaram, e assim cria uma nova maneira de ver e de atuar no mundo. Seu desejo é transformar o mundo, resistir ao que está dado. Isso se expressa em sua obra, e também em sua participação como articulador e principal responsável pelo conjunto de temas e pensadores relacionados à teoria crítica, reunidos sob a tarja “Escola de Frankfurt”.

Se esta classificação facilita o posicionamento, na história da filosofia, dos pensadores que participaram (ou estiveram próximos) do Instituto de Pesquisas Sociais (IPS), também não é capaz de ir além dele. Pior: é capaz de aplainar toda a gama de temas e a riqueza de abordagens, por vezes opostas, contida na obra destes filósofos de esquerda (que também são economistas, estetas, cientistas políticos), na maioria judeus, que “uniram Marx a Freud”. Mas pior ainda: o rótulo “Escola de Frankfurt”, ao homogeneizar os autores, acaba também por escondê-los. Theodor Adorno é reconhecido; Herbert Marcuse também, e Walter Benjamin (que, a rigor, não chegou a se vincular ao IPS).

Horkheimer nem tanto, pelo menos no Brasil, e concorre para isto, certamente, o fato de ter poucas obras publicadas em português. Podemos constatar o seu papel fundamental para a “Escola de Frankfurt” em livros que contam a história e o desenvolvimento teórico do grupo, de forma mais geral, como *A Escola de Frankfurt*, de Rolf Wiggershaus, e *A imaginação dialética*, de Martin Jay. Ali encontramos passagens que ilustram como Horkheimer, graças “à força de sua personalidade e à largueza de seu intelecto”¹, conseguiu exercer com controle incontestável a direção do IPS, ao mesmo tempo em que reuniu em torno de si alguns dos pensadores mais importantes da época, influenciando-os e sendo por eles influenciado. Nos tempos sombrios do entreguerras, foi sua direção segura e a tenacidade em manter-se fiel a seu

¹ JAY, Martin. *A imaginação dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Trad.: Vera Ribeiro. 1ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2008. P. 48.

objetivo (opor-se ao capitalismo e à sociedade burguesa, instaurando uma sociedade de homens livres) que permitiu ao grupo se manter unido e organizado.

No entanto, pouco destaque se dá propriamente ao *pensamento* de Horkheimer. A *Dialética do Esclarecimento* (que ele escreveu com Adorno) ou o *Eclipse da razão* são obras conhecidas, mas já estão nos anos 1940 e pertencem a um período posterior de seu desenvolvimento intelectual. Mesmo o fundamento teórico destes livros, a teoria crítica, corresponde a um modelo diferente daquele apresentado no “manifesto” deste modelo, *Teoria tradicional e teoria crítica*. Este ensaio, de 1937, é considerado a base do pensamento horkheimeriano; no entanto, ele não corresponde efetivamente ao início. Como Horkheimer assume a direção do IPS em caráter definitivo em 1931, seria o mesmo que dizer que o “manifesto” que orienta a teoria crítica surgiu seis anos depois do começo de seu trabalho no Instituto.

Não se pode incorrer numa interpretação que considere homogêneos os textos horkheimerianos da década de 1930. Trata-se de um pensamento em movimento, típico de alguém que vive uma época de transição e responde a uma crise: a decadência da sociedade liberal burguesa, em todas as suas esferas (social, cultural, econômica, política, científica). Assim, pretendemos destacar, nesta dissertação, o pensamento de Max Horkheimer nos anos de 1930, mostrando exatamente que esse hiato de seis anos corresponde a uma transformação de seu modelo teórico. Nosso objetivo é explicitar como os ensaios de Horkheimer publicados na *Revista de Pesquisa Social*, periódico do IPS, ao longo deste íterim, expressam a evolução do materialismo *interdisciplinar* para um materialismo *transdisciplinar* (ou, para a teoria crítica). Além disso, explicaremos como este desenvolvimento teórico parte sempre de uma interpretação do contexto social, político e econômico da época. Dito de outra forma: queremos explicar também como Horkheimer vai modificando seu pensamento de acordo com as possibilidades de resistência (à sociedade burguesa, ao capitalismo, ao nazismo, à comunidade científica positivista dos Estados Unidos) que se apresentam.

Para isso, no primeiro capítulo, vamos mostrar um pano de fundo mais histórico sobre o período entreguerras, com destaque para a instável situação político-econômica da Alemanha e para a mudança de interpretação que se opera no marxismo (a leitura mecanicista, ortodoxa, vai cedendo lugar a uma interpretação mais filosófica, que abre espaço para Marx no ensino superior alemão da época). No segundo capítulo, veremos como a conjuntura (em cujo horizonte ainda era possível vislumbrar a realização da revolução socialista por meio do proletariado), aliada a uma confiança na capacidade

emancipatória das ciências especializadas, permite a Horkheimer propor um modelo materialista interdisciplinar. O terceiro capítulo terá como foco as mudanças do panorama histórico ao longo dos anos 1930 (o avanço do nazismo e a paralisia do movimento operário, que dificultam a alternativa emancipatória) e uma apresentação de como elas lentamente influenciam alterações no modelo interdisciplinar. No quarto capítulo, faremos uma análise do ensaio *Teoria tradicional e teoria crítica*, de modo a explicitar como Horkheimer consolida a teoria crítica, com base na conjuntura da década de 1930, sob a forma de um materialismo transdisciplinar – em que os saberes das ciências específicas não são tomados mais dentro deste conjunto disciplinar, mas se misturam a conhecimentos e conceitos de diferentes áreas para dar conta de uma interpretação global da sociedade.

Esperamos, com este trabalho, apresentar elementos que permitam uma compreensão mais acurada do desenvolvimento teórico horkheimeriano em sua primeira fase e que possibilitem ver Horkheimer não apenas em seu papel histórico no âmbito da “Escola de Frankfurt”, mas também como um pensador cuja teoria responde e dá alternativas às vicissitudes de seu tempo. Que nós consigamos seguir seu exemplo e sejamos também capazes de resistir ao nosso, fazendo com que deste solo árido floresça uma sociedade livre.

1 O CONTEXTO HISTÓRICO ENTRE OS ANOS 1920 E 1930

1.1 A crise da ordem liberal burguesa

Não devia ser fácil ser alemão no tempo entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Parece que a vida naquela época era difícil em todo país europeu (continente que ocupava o centro da política internacional de então, ao lado dos emergentes, mas distantes, Estados Unidos): Hobsbawn se refere ao período entre o final da Primeira e o final da Segunda Guerra como “Era da Catástrofe”, tempo do “colapso dos valores e instituições da civilização liberal” que progredira no século XIX.² Esta civilização era

capitalista na economia; liberal na estrutura legal e constitucional; burguesa na imagem de sua classe hegemônica característica; exultante com o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e também com o progresso material e moral; e profundamente convencida da centralidade da Europa, berço das revoluções da ciência, das artes, da política, e da indústria e cuja economia prevalecera na maior parte do mundo, que seus soldados haviam conquistado e subjugado; uma Europa cujas populações (incluindo-se o vasto e crescente fluxo de emigrantes europeus e seus descendentes) haviam crescido até somar um terço da raça humana; e cujos maiores Estados constituíam o sistema da política mundial.³

Tal mundo se viu desmoronando após a Primeira Guerra, observa Hobsbawn. No entanto, a instabilidade resultante dessa queda, que se fazia sentir em toda a Europa, parecia capaz de produzir consequências ainda mais terríveis para a Alemanha – o que de fato aconteceu, no curto período de 15 anos, tempo que levou para o governo alemão sair de uma República social-democrata para um regime fascista de direita. A derrota no conflito de 1914-1918 – mais especificamente a “paz punitiva” imposta ao país pelos vencedores da guerra – teve reflexos diretos na economia alemã. Como “a *única* responsável pela guerra”⁴, a Alemanha era obrigada a realizar pagamentos vultosos⁵ aos vencedores, “como ‘reparações’ pelo custo da guerra e os danos causados”⁶. Para quitar os débitos, o país contraía novos empréstimos, agora junto aos Estados Unidos (a dependência da economia americana deixaria a Alemanha ainda mais sensível à crise de 1929).

² HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991*. Trad.: Marcos Santarrita. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 113.

³ Ibid., p. 16.

⁴ Ibid., p. 102.

⁵ “Em 1921, a soma foi fixada em 132 bilhões de marcos de ouro, ou seja, 33 bilhões de dólares na época, o que todo mundo sabia ser uma fantasia.” Ibid., p. 102.

⁶ Ibid., p. 102.

Assim, se a economia mundial se deteriorara com a Primeira Guerra (“A globalização da economia dava sinais de que parara de avançar nos anos entreguerras”⁷, diz Hobsbawn), a situação era ainda mais delicada nos países derrotados: “a grande zona de derrota e convulsão, da Alemanha no Ocidente à Rússia soviética no Oriente, testemunhou um espetacular colapso do sistema monetário”⁸. Na Alemanha, em 1923, “a unidade monetária foi reduzida a um milionésimo de milhão de seu valor de 1913, ou seja, na prática, o valor da moeda foi reduzido a zero”⁹. A hiperinflação acabou nesse mesmo ano, quando o governo mudou a moeda e parou de imprimir papel-moeda de modo ilimitado. Houve então um sutil crescimento da economia mundial, mas mesmo esta situação positiva de meados dos anos 20 foi prejudicial aos alemães (baseou-se em “enorme fluxo de capital internacional que invadiu os países industriais naqueles anos, em especial a Alemanha”¹⁰).

Então veio a crise de 1929, que atingiu todo o sistema: indústria, produção básica (alimentos e matérias-primas), comércio internacional.¹¹ A crise pegou, pois, uma Alemanha absolutamente vulnerável: pagando aos países vencedores da Primeira Guerra (os pagamentos só foram suspensos no início dos anos 30, e não surtiram efeito econômico algum ao país, observa Hobsbawn¹²), dependendo dos empréstimos norte-americanos e do capital internacional. O resultado foi o desemprego (“No pior período da Depressão (1932-3) (...) 44% da [força de trabalho] alemã não tinha emprego¹³”), e com ele, o nazismo. O crescimento e a difusão deste movimento estão intimamente ligados ao ambiente socioeconômico da época.

A política também era um terreno movediço no período pós-1918. A Revolução Russa (a bolchevique, de outubro de 1917) implantara o socialismo e pretendia levar o movimento revolucionário dos trabalhadores para outros países do mundo. A Alemanha foi um dos países que passaram por levantes inspirados no modelo bolchevique: em fins de 1918, “marinheiros e soldados amotinados”¹⁴ iniciaram uma revolução, o imperador

⁷ Ibid., p. 93.

⁸ Ibid., p. 94.

⁹ Ibid., p. 94.

¹⁰ Ibid., p. 95.

¹¹ “Equivaleu a algo muito próximo do colapso da economia mundial, que agora parecia apanhada num círculo vicioso, onde cada queda dos indicadores econômicos (fora o desemprego, que subia a altura sempre mais astronômicas) reforçava o declínio em todos os outros”. Ibid., p. 96.

¹² Ibid., p. 103.

¹³ Ibid., p. 97.

¹⁴ Ibid., p. 73.

deixou o trono e o país e instaurou-se uma república com socialistas no poder. Mas o governo de esquerda durou pouco:

Era uma ilusão, devido à total, mas temporária, paralisia dos velhos exército, estado e estrutura de poder sob o duplo choque da derrota absoluta e da revolução. Após uns poucos dias, o velho regime republicano logo estava de volta na sela, não mais seriamente perturbado pelos socialistas, que não conseguiram nem ganhar maioria nas primeiras eleições, embora se realizassem poucas semanas depois da revolução. Viram-se menos perturbados ainda pelo recém-improvisado Partido Comunista, cujos líderes, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, foram logo assassinados por pistoleiros de aluguel do exército.¹⁵

Mesmo com estes reveses, os comunistas russos mantinham a esperança na revolução alemã¹⁶. A esquerda, porém, não era homogênea: as correntes social-democrata e comunista tinham estratégias diferentes¹⁷ para atingir o objetivo de derrubar o capitalismo e implantar o socialismo. A diversidade das táticas, que partiam de diferentes interpretações da realidade histórica (logo, da possibilidade de revolução naquela conjuntura), resultaram na divisão da esquerda:

Quando Lênin decidiu mudar o nome do seu partido, impondo-lhe a antiga denominação de comunista, queria indicar com isso que, finalmente, se havia superado o equívoco: de um lado, os social-democratas; do outro, os verdadeiros revolucionários, que agiriam em toda a parte e prontamente como na Rússia, os comunistas. Os primeiros ou se decidiam a adotar em toda a parte e integralmente a estratégia e a organização leninistas, ou eram desmascarados por aquilo que eram, reformistas, isto é, traidores da revolução.¹⁸

No entanto, ressalta o verbete, a semelhança entre ambos (desde que a social-democracia se mantenha fiel à perspectiva revolucionária¹⁹) era maior que suas divergências: o fracasso de ambos em levar a revolução para o Ocidente e em frear o fascismo “encontrando uma solução política para os problemas de onde ele se

¹⁵ Ibid., p. 74-75.

¹⁶ “Na visão de Lênin, Moscou seria apenas o quartel-general temporário do socialismo, até que a ideologia pudesse mudar-se para sua capital permanente em Berlim. Não foi por acaso que a língua oficial da Internacional Comunista, criada como o estado-maior da revolução mundial em 1919, era – e continuou sendo – não o russo, mas o alemão.” Ibid., p. 367.

¹⁷ O verbete *Social-democracia* do *Dicionário de Política* nos ajuda a entender essas diferenças entre social-democracia e comunismo: “Se se distingue do socialismo revolucionário em suas várias encarnações históricas – anarquismo, sindicalismo revolucionário, esquerda-luxemburguiana, leninismo (deste só difere de maneira clara após a deflagração da Primeira Guerra Mundial) – por manter letárgico, mais por necessidade que livre escolha, o espírito de negação total do sistema, a Social-democracia se contrapõe ainda mais claramente ao reformismo. Com efeito, a Social-democracia não quer, ou pelo menos não deseja de maneira ativa e prioritária, a sobrevivência do sistema; (...) Isso faz com que, sem agredir explicitamente o sistema, a Social-democracia se exima de lhe prestar aquela colaboração”. SETTEMBRINI, Domenico. Verboete *Social-democracia*. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). *Dicionário de política*. Trad.: Carmen C. Varriale... [et al.]. 5ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. P. 1188-1189.

¹⁸ Ibid., p. 1190.

¹⁹ Ibid., p. 1190.

originou”²⁰ ressalta a identidade entre as duas correntes, que “consiste propriamente num marxismo ‘doutrinário’ comum, incapaz de compreender a realidade das transformações sociais em curso”²¹. Jay parece se referir também ao que podemos chamar de “incapacidade teórica” dos partidos em entender aquela atualidade: essa divisão do movimento operário “entre um Partido Comunista bolchevizado (o KPD) e um Partido Socialista (o SPD) não revolucionário foi um espetáculo deplorável para os que ainda sustentavam a pureza da teoria marxista”²², diz, ao mencionar a importância da independência do futuro Instituto de Pesquisas Sociais (IPS) em relação aos movimentos políticos²³.

Para a Alemanha dos anos 20, o resultado político da cisão da esquerda (aliado à incapacidade dos governos para lidar com a situação econômica), apesar da força desta tendência (o Partido Comunista, ao longo dos anos 20, se tornou “o maior desses partidos fora da Rússia soviética”²⁴, e o eleitorado dos social-democratas era dez vezes maior que o dos nazistas²⁵), foi o avanço da direita. A Depressão, após a crise de 1929, foi o golpe final na frágil democracia liberal alemã. Com o desemprego, a instável conjuntura político-econômica alemã do final da década (que misturava, como vimos, trauma da inflação, ressentimento nacionalista pela derrota da Primeira Guerra e suas consequentes punições, ameaças de revolução, brigas partidárias na esquerda, vulnerável ordem institucional²⁶, entre outros fatores) se desequilibrou em favor dos fascistas. Inflação e Depressão radicalizaram até grupos “cuja posição parecia segura”, como “funcionários públicos médios e altos”, enfatiza Hobsbawn²⁷. Com isso, os nazistas saltaram de 2,5% a 3% do eleitorado, em 1924, para 37%, em 1932²⁸, e a esquerda praticamente se dissolveu no país: os comunistas foram colocados na

²⁰ Ibid., p. 1190.

²¹ Ibid., p. 1190.

²² JAY, Martin. Op. cit., p. 40.

²³ “Quando as inclinações pessoais levavam a um compromisso maior com a teoria do que com o partido, mesmo que isso significasse suspender por algum tempo a unificação da teoria e da prática, os resultados, em termos de inovação teórica, podiam ser sumamente fecundos”. (JAY, Martin. Ibid., p. 40). Mais à frente, lembra as “simpatias políticas” de Horkheimer por Rosa Luxemburgo, sua não filiação partidária e que tanto ele quanto seu amigo Friedrich Pollock “não se juntaram à revolução”: foram “testemunhas não participantes das breves atividades revolucionárias dos literatos bávaros”. (JAY, Martin. Ibid., p. 51).

²⁴ HOBSEBAWN, Eric. Op. cit., p. 75.

²⁵ HOBSEBAWN, Eric. Ibid., p. 133.

²⁶ O nacional-socialismo, diz Hobsbawn, foi um “expurgo radical das velhas elites e estruturas institucionais imperiais”; de acordo com ele, a República de Weimar, de 1919-1933, era “pouco mais que o império derrotado, sem o kaiser”, ou seja, não rompeu com a ordem liberal anterior e seu governos foram incapazes de enfrentar a Grande Depressão. HOBSEBAWN, Eric. Ibid., p. 131.

²⁷ HOBSEBAWN, Eric. Ibid., p. 126.

²⁸ Ibid., p. 133.

ilegalidade (1935) e “o Partido Social-Democrata alemão desapareceu de vista”²⁹. A aliança da direita incluía, diz Hobsbawn, “conservadores tradicionais, passando pelos reacionários da velha escola, até os extremos da patologia fascista”³⁰: “O fascismo forneceu-lhes a dinâmica e, talvez mais importante ainda, o exemplo da vitória sobre as forças da desordem”³¹. Por desordem, devemos entender não apenas os movimentos de trabalhadores da esquerda (sejam comunistas ou social-democratas³²), mas também a velha ordem liberal, que não era mais capaz de responder aos problemas da época.

1.2 A crise da ciência e o marxismo acadêmico

Dizer que o nazismo se opunha à velha ordem liberal significa ressaltar o componente irracionalista desta posição política. Combinação de “valores conservadores, técnicas de democracia de massa e a inovadora ideologia de barbarismo irracionalista, centrada em essência no nacionalismo”³³, o nazismo, “hostil à herança do Iluminismo” e contra a “modernidade e progresso”³⁴, exaltava a “superioridade do instinto e da vontade”³⁵. Fica patente, portanto, que a crise da sociedade liberal do século XIX (que resultou no declínio da economia e da democracia liberais) abarcava também os campos do pensamento e da ciência.

Na Alemanha do início dos anos 20, os intelectuais de esquerda buscavam resistir em meio à incapacidade dos dois partidos em avaliar a conjuntura histórica: “(...) houve, da parte dos intelectuais socialistas, inúmeras tentativas para tomar consciência do caráter e da função da teoria e da práxis marxistas”³⁶. Sem a leitura correta daquela atualidade, apesar do panorama político favorável, as chances de levar a cabo uma revolução seriam inócuas – o que de fato estava acontecendo, como as tentativas do Partido Comunista alemão em 1921 e 1923³⁷. Era preciso *pensar*, refletir e trabalhar para fazer acontecer a revolução certa, e não querer impor uma revolução qualquer. “Uma nova preocupação com a ligação entre a teoria revolucionária e a prática fez-se

²⁹ Ibid., p. 109.

³⁰ Ibid., p. 127.

³¹ Ibid., p. 127.

³² Apenas tardiamente as duas correntes se uniram: “Só quando o fascismo acabou por ameaçar a segurança externa da URSS, depois de subverter a Alemanha, é que o comunismo consentiu em colaborar com a Social-democracia na luta antifascista (...)” SETTEMBRINI, Domenico. Op. cit., p. 1190.

³³ HOBSEBAWN, Eric. Op. cit., p. 122.

³⁴ Ibid., p. 121.

³⁵ Ibid., p. 120.

³⁶ WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: História, desenvolvimento teórico, significação política*. Trad. do alemão por Lilyane Deroche-Gurgel e do francês por Vera de Azambuja Harvey. 1ª edição. Rio de Janeiro: Difel, 2002. P. 46.

³⁷ Ibid., p. 46.

sentir. Desse modo, a relação entre o marxismo e a filosofia tornou-se uma questão de importância”³⁸. É nesse contexto que surgem duas obras importantes para essa aproximação, ambas de 1923: *História e Consciência de Classe*, de George Lukács, e *Marxismo e filosofia*, de Karl Korsch. O primeiro livro é “carta de fundação do marxismo hegeliano”, e “quase sozinho, conseguiu elevar [o marxismo] a um lugar respeitável na vida intelectual europeia”³⁹. E o autor do segundo, de acordo com Bronner, se opunha, com “base no método dialético”⁴⁰, à ortodoxia marxista, para ele, “hostil ao pensamento crítico e histórico”⁴¹: “Korsch usou as ideias da dialética materialista para criticar as formas cada vez mais petrificadas de marxismo abraçadas, respectivamente, pelo movimento sindical social-democrático e pelo partido comunista”⁴². Para Jay, ambos “foram os estímulos mais influentes para a recuperação da dimensão filosófica do marxismo, no começo da década de 1920”, e se opunham a uma teoria marxista da sociedade que, apesar de suas “pretensões científicas, havia degenerado em uma espécie de metafísica não muito diferente daquela que o próprio Marx se dispusera a dismantelar”, um “materialismo mecanicista”⁴³ que mostrava a “esclerose do marxismo, que se transformara em um corpo de verdades estabelecidas”⁴⁴.

Isto quer dizer que a situação histórica via surgir a necessidade de uma interpretação não tanto revolucionária quanto teórica do marxismo, enfocando sua dimensão científica e filosófica – ou seja, enfatizando a relação de Marx com a dialética hegeliana. Korsch e Lukács são dois destes intelectuais marxistas⁴⁵ que se reuniram, naquele mesmo ano, num evento chamado *Primeira Semana Marxista do Trabalho*. Na verdade, nos conta Wiggershaus, os principais temas do colóquio foram exatamente suas recém-lançadas obras⁴⁶. Ambos “se uniram na esperança de um proletariado atuante com consciência de seu valor (...) que percebesse este mundo na perspectiva de uma concepção materialista da história, plena do espírito dialético da filosofia de

³⁸ BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*. Trad.: Tomás R. Bueno e Cristina Meneguelo. 1ª edição. Campinas: Papirus Editora, 1997. P. 13.

³⁹ Ibid., p. 46, apud JAY, Martin. *Marxism and totality: The adventures of a concept from Lukács to Habermas*. Berkeley, 1984. P. 84, 102.

⁴⁰ BRONNER, Stephen Eric. Op. cit., p. 31.

⁴¹ Ibid., p. 30.

⁴² Ibid., p. 13.

⁴³ JAY, Martin. Op. cit., p. 84.

⁴⁴ JAY, Martin. Ibid., p. 90.

⁴⁵ Entre eles, George Lukács, Karl Korsch, Karl August Wittfogel e Friedrich Pollock (este, amigo de Max Horkheimer desde a adolescência). JAY, Martin. Ibid., p. 41. WIGGERSHAUS, Rolf. Op. cit., p. 47.

⁴⁶ WIGGERSHAUS, Rolf. Op. cit., p. 47.

Hegel”⁴⁷. A *Primeira Semana Marxista do Trabalho* foi organizada e financiada por Felix Weil, o filho de um rico comerciante de cereais que se envolveu com “causas esquerdistas” na universidade e passou a apoiar financeiramente “diversas aventuras radicais na Alemanha”⁴⁸. “‘Seu objetivo’, segundo Weil, era a ‘esperança de que as diferentes tendências do marxismo, se lhes for concedida a oportunidade de discuti-lo em conjunto, possam chegar a um marxismo ‘verdadeiro’, o ‘puro’.”⁴⁹

Durante o evento, Weil começou a conceber a ideia de “institucionalizar a discussão marxista para além das limitações da ciência burguesa e da estreiteza do espírito ideológico de um partido comunista (...)”⁵⁰. A nova entidade deveria consolidar o marxismo em sua perspectiva teórica, independente do encaminhamento político dos partidos (como já mencionamos)⁵¹, isto é, deveria tratá-lo cientificamente e inseri-lo nos meios universitários⁵². Após negociações com a Universidade de Frankfurt (em que os aspectos materialistas do novo instituto foram estrategicamente deixados em segundo plano) e o Ministério da Educação alemã, Weil conseguiu no início de 1923 a autorização ministerial para criar um instituto de ciências sociais.

O IPS deveria se vincular à Universidade, mas com autonomia em relação a ela e em ligação direta com o Ministério⁵³. No acordo, o diretor do IPS seria um catedrático da Universidade e Weil propôs para o cargo o professor comunista Kurt Albert Gerlach. Aceito como catedrático pela Universidade e como diretor do IPS pelo Ministério⁵⁴, ele faleceu antes de assumir os postos. Os jovens intelectuais Friedrich Pollock e Max Horkheimer apoiavam a iniciativa de Weil e já eram doutores – no entanto, ainda não tinham condições de assumir a direção do IPS. A escolha então recaiu para o Carl Grünberg, catedrático de direito e ciência política na Universidade de Viena e editor do *Arquivo de História do Socialismo e do Movimento Operário*⁵⁵. “Marxista confesso”⁵⁶,

⁴⁷ Ibid., p. 47.

⁴⁸ JAY, Martin. Op. cit., p. 41.

⁴⁹ JAY, Martin. Op. cit. P. 41. Citação de *Grand Hotel Abgrund: Eine Photobiographie der Frankfurter Schule*. P. 144, et. seq.

⁵⁰ WIGGERSHAUS, Rolf. Op. cit., p. 47.

⁵¹ Ver nota 23.

⁵² Weil nos diz sobre as intenções do projeto: “projetávamos (...) fundar um instituto que tivesse como primeiro objetivo servir ao estudo e ao aprofundamento do marxismo científico...”. WIGGERSHAUS, Rolf. Op. cit., p. 49.

⁵³ WIGGERSHAUS, Rolf. Ibid., p. 51.

⁵⁴ JAY, Martin. Op. cit., p. 47.

⁵⁵ Para Freitag, a revista “tinha uma orientação claramente documentária, procurando descrever, dentro da tradição marxista, as mudanças estruturais na organização do sistema capitalista, na relação capital-trabalho e nas lutas e movimentos operários”. FREITAG, Barbara. *A Teoria Crítica: Ontem e hoje*. 5ª edição, 1984. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004. P. 11.

⁵⁶ JAY, Martin. Op. cit., p. 46.

os anos de Grünberg à frente do IPS foram dedicados a “pesquisas sobre a história do socialismo e do movimento operário, sobre a história econômica e a crítica da economia política”⁵⁷; de fato, tratava-se de um marxismo academicista, de acordo com Jay “pouco imaginativo”⁵⁸, que centrava sua análise em temas econômicos⁵⁹. No entanto, em 1927, quando Grünberg teve um problema de saúde e se viu obrigado a que se afastar do IPS, três anos após assumir sua direção, o marxismo já havia consolidado presença nos meios universitários. O trabalho de Grünberg resultou numa abertura “única em seu gênero, no ensino superior alemão”⁶⁰ para o ensino e pesquisa do marxismo. Em 1929, por fim, Grünberg renunciou ao cargo e Horkheimer foi convidado a sucedê-lo⁶¹.

Filho único de um rico industrial judeu, nascido em 1895, Horkheimer fora preparado para ocupar seu lugar nos negócios da família – aos 15 anos, nos relata Wiggershaus, foi posto como aprendiz na fábrica do pai⁶². No ano seguinte, conheceu Friedrich Pollock, amigo da vida toda, com quem compartilhava estudos, leituras e questões intelectuais. Foi nomeado chefe de serviço no negócio do pai, o que o livrou de participar da Primeira Guerra Mundial. No final da década de 1910, ingressou na universidade, primeiro em Munique, depois em Frankfurt. Tinha posições políticas (mas não partidárias) de esquerda – conforme nos conta Wiggershaus⁶³, Theodor Adorno, ao conhecê-lo em 1924, o classificou como comunista em carta a seu amigo Leo Löwenthal. Ainda assim, o materialismo não estava entre seus temas de investigação: na universidade, estudava “psicologia gestáltica, economia, música e filosofia”⁶⁴. Optou pela carreira acadêmica após receber o convite do filósofo Hans Cornelius⁶⁵, que o havia orientado no doutorado sobre Kant, para ser seu assistente. Sua tese de habilitação, também sobre Kant, foi defendida em 1925, mesmo ano em que deu sua conferência inaugural de assistente. Ao longo dos anos 1920, porém, “ao aumentar pouco a pouco sua competência em história da filosofia contemporânea, ele passou prudentemente a

⁵⁷ WIGGERSHAUS, Rolf. Op. cit., p. 61.

⁵⁸ JAY, Martin. Op. cit., p. 49.

⁵⁹ Por exemplo, menciona Jay, a revista (*Arquivo de História do Socialismo e do Movimento Operário*) “se dedicou primordialmente a estudos históricos e empíricos, em geral baseados em um marxismo mecanicista e não dialético, na tradição de Engels-Kautsky”. JAY, Martin. Op. cit., p. 47.

⁶⁰ WIGGERSHAUS, Rolf. Ibid., p. 66.

⁶¹ Embora não pertencesse ao círculo de “colaboradores próximos” do IPS, como diz Wiggershaus, Horkheimer não estava “marcado politicamente” como os dois colaboradores que estariam mais próximos da direção do Instituto, Pollock e Henryk Grossmann. WIGGERSHAUS, Rolf. Ibid., p. 68.

⁶² Conforme WIGGERSHAUS, Rolf. Ibid., p. 78.

⁶³ WIGGERSHAUS, Rolf. Ibid., p. 78.

⁶⁴ BRONNER, Stephen Eric. Op. cit., p. 95.

⁶⁵ WIGGERSHAUS, Rolf. Op. cit., p. 78.

colocar em forma filosófica os temas que lhe eram caros há muito tempo”⁶⁶. Também foi deixando o pessimismo de Schopenhauer, leitura de juventude que teria importância em fases posteriores de seu pensamento⁶⁷, enquanto “procurava forjar uma teoria crítica fundamentalmente comprometida com o espírito idealista da tradição iluminista e do marxismo”⁶⁸.

Para entender um pouco melhor o período horkheimeriano da década de 1920 (o que nos ajudará, ainda, a compreender os passos futuros do pensador alemão), será útil nos determos um pouco em suas considerações da época a respeito da situação da ciência e da filosofia. Abromeit cita⁶⁹ uma série de conferências de Horkheimer do final dos anos 20, reunidas em seus *Gesammelte Schriften* sob o nome “The Emancipation of Philosophy from Science”; nelas, Horkheimer analisa o papel a que a Filosofia foi relegada nas décadas de meados até o final do século XIX. Naquela época, o panorama científico estava dominado pelo positivismo⁷⁰ e pelo avanço das ciências naturais e físicas – a Filosofia só conseguiu sobreviver nesse contexto com uma pequena atribuição, a de trabalhar os fundamentos epistemológicos do método científico (como ocorria, por exemplo, com os neokantianos)⁷¹. No entanto, o positivismo significava a derrocada do “projeto original do Esclarecimento, política e eticamente dirigido, em nome de uma perspectiva científica monolítica, cujas limitações logo apareceriam”⁷². Assim,

A crise do liberalismo do final do século XIX e início do século XX era ao mesmo tempo a crise de uma concepção de racionalidade científica crescentemente estreita, que parecia não ser mais capaz de realizar as promessas feitas pelo Esclarecimento de uma sociedade que garantiria mais justiça e felicidade a todos.⁷³

Nesse contexto, diz Abromeit, Horkheimer via a fenomenologia de Edmund Husserl como “a primeira tentativa substancial de romper o monopólio do positivismo e

⁶⁶ WIGGERSHAUS, Rolf. Ibid., p. 79.

⁶⁷ “O livro *O mundo como vontade e ideia*, de Schopenhauer, com seu desprezo pelas suposições mais arrogantes do racionalismo, também afetou o famoso encontro de Horkheimer com o iluminismo. Finalmente, o notável pessimismo dos ensaios tardios de Horkheimer evidenciam a influência do filósofo que ele já admirava na juventude”. BRONNER, Stephen Eric. Op. cit., p. 94.

⁶⁸ BRONNER, Stephen Eric. Op. cit., p. 95.

⁶⁹ ABROMEIT, John. *The Vicissitudes of the Politics of “Life”: Max Horkheimer and Herbert Marcuse’s Reception of Phenomenology and Vitalism in Weimar Germany*. Paper apresentado durante o evento *Living Weimar: Between System and Self*, realizado na Universidade de Indiana (22 e 23 de setembro de 2006). Disponível em: < <http://hdl.handle.net/2022/1833>>. Acesso em 23 ago. 2013.

⁷⁰ A ciência iria não apenas “garantir progresso ilimitado” como seria a “única árbitra da verdade”. ABROMEIT, John. Ibid., p. 2-3. Tradução nossa.

⁷¹ ABROMEIT, John. Ibid., p. 3. Tradução nossa.

⁷² ABROMEIT, John. Ibid., p. 8. Tradução nossa.

⁷³ ABROMEIT, John. Ibid., p. 8. Tradução nossa.

restabelecer a Filosofia como uma disciplina autônoma”⁷⁴. O segundo passo seriam as filosofias vitalistas – Friedrich Nietzsche, Wilhelm Dilthey e Henri Bergson são citados como os principais representantes dessa tendência. Apesar das críticas de Horkheimer a essas doutrinas, afirma Abromeit, ele não se preocupava estritamente com elas – mas com as “popularizações” destes campos críticos ao racionalismo. De acordo com o *paper*, para o pensador alemão as distorções da fenomenologia e das filosofias vitalistas (calcadas numa “reabilitação da metafísica” pela versão popular da primeira, e na “rejeição do conhecimento conceitual” na popularização da segunda) eram “parte de uma tendência cultural maior na Europa durante as primeiras décadas do século XX” que tinha, entre suas características definidoras, “a rejeição ao Esclarecimento”⁷⁵.

O problema, para Horkheimer, era que esta recusa ao racionalismo, popularizada e politizada, podia servir à direita – transformando a crítica ao racionalismo (que fazia sentido, para Horkheimer) “numa defesa apologética e irracional de um regime autoritário”⁷⁶. A resposta horkheimeriana a essas tendências, explica Abromeit, foi valorizar o aspecto *crítico* das ciências sociais e do próprio Esclarecimento, presente no “racionalismo e no materialismo”⁷⁷ (contra, portanto, as correntes irracionaisistas e aquelas que consideravam o Esclarecimento num viés positivista, mantendo-o fechado como uma doutrina⁷⁸). O pensador alemão “estava convencido da crise do modelo tradicional de ciência, mas não estava totalmente preparado para abandoná-la”⁷⁹; e foi “em grande medida para responder a essa crise que ele desenvolveu a sua teoria crítica da sociedade, no final dos anos 20 e no início da década de 30”⁸⁰. No entanto, de acordo com o *paper*, o fato de que Horkheimer ainda mantinha uma visão positiva do Esclarecimento⁸¹ e de que não dispensava de todo as ciências sociais o deixava mais aberto às possibilidades críticas deste campo do saber do que outros autores do IPS:

⁷⁴ ABROMEIT, John. Ibid., p. 3. Tradução nossa.

⁷⁵ ABROMEIT, John. Ibid., p. 7. Tradução nossa.

⁷⁶ ABROMEIT, John. Ibid., p. 26-27. Tradução nossa.

⁷⁷ ABROMEIT, John. Ibid., p. 27. Tradução nossa.

⁷⁸ Jay nos apresenta também esta dupla frente de combate do IPS: “Além do ataque perpetrado pelos irracionaisistas, o qual, no século XX, havia degenerado numa irreflexão francamente obscurantista, outra ameaça, talvez ainda mais séria, vinha de um círculo diferente. Com o colapso da síntese hegeliana na segunda metade do século XIX e a crescente dominação da vida humana pelas ciências naturais, desenvolvera-se uma nova ênfase na ciência social de derivação empírica. O positivismo negava a validade da ideia tradicional de razão como *Vernunft*, a qual descartava como uma metafísica vazia.” JAY, Martin. Op. cit., p. 105-106.

⁷⁹ ABROMEIT, John. Op. cit., p. 9. Tradução nossa.

⁸⁰ ABROMEIT, John. Ibid., p. 9. Tradução nossa.

⁸¹ De fato, Jay nos diz algo parecido: “Como Horkheimer repetiria insistentemente, a racionalidade estava na raiz de qualquer teoria social progressista”. JAY, Martin. Op. cit., p. 104.

“Sem essa abertura, a crucial integração da pesquisa social empírica e da psicanálise em sua Teoria Crítica, no começo dos anos 30, poderia nunca ter ocorrido”⁸².

Assim, podemos entender estas conferências de Horkheimer como mais que uma reflexão sobre a crise da conjuntura científica de sua época (à qual, como vimos, ele ainda parecia não saber exatamente como responder). Já é possível entrever aí uma tentativa de *resistir* àquela época específica *em sua totalidade*, isto é, de construir uma resposta relacionando esferas diferentes como ciência e política antes mesmo de dizer que “Na teoria marxista da sociedade, a ciência está incluída entre as forças humanas produtivas”⁸³. Isso quer dizer ainda que, mesmo antes de assumir a direção do IPS e de tomar o pensamento materialista como base de suas investigações, Horkheimer já efetuava uma leitura teórica da atualidade de sua época partindo da realidade social como um todo, articulando diferentes campos da sociedade para *ultrapassar* essa realidade. Uma vez que a instabilidade do pensamento estava calcada também em fatores extracientíficos, a resposta para a crise da ciência não podia ser meramente científica, sob o risco de ser uma réplica parcial. Podemos dizer que ele buscava, portanto, já no final dos anos 20, transformar a realidade social, a partir de uma observação teórica que partia da sua própria conjuntura histórica. Havia esperança na realização de uma sociedade racionalmente organizada que fosse capaz não apenas de resistir, mas de se impor às tendências irracionais por meio de uma herança *negativa* do Esclarecimento – isto é, por meio da recuperação da dimensão crítica e revolucionária de um Esclarecimento que havia se perdido em uma interpretação positivista.

Por isso, não é de estranhar a mudança operada por Horkheimer no IPS assim que ele assumiu a direção do Instituto, em julho de 1930: a tentativa de retomar a potência emancipadora das ciências sociais por meio de um materialismo não ortodoxo, mas *interdisciplinar*, em que a economia política orientasse a direção das demais disciplinas. Veremos no próximo capítulo a formatação do materialismo interdisciplinar e sua relação com a conjuntura histórica de então.

⁸² ABROMEIT, John. Ibid., p. 10. Tradução nossa.

⁸³ Esta frase abre o artigo *Observações sobre ciência e crise*, de 1932. HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Trad.: Hilde Cohn. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

2 A RESISTÊNCIA NO INÍCIO DOS ANOS 30: O MATERIALISMO INTERDISCIPLINAR

2.1 As origens da filosofia burguesa

Para avaliar com mais clareza a tentativa horkheimeriana de retomar a potência emancipadora das ciências sociais (o que irá marcar o materialismo interdisciplinar de seu período inicial à frente do IPS), devemos observar o conjunto de ensaios *Origens da filosofia burguesa da história*⁸⁴. O estudo, publicado antes de Horkheimer assumir a direção do IPS, reúne quatro diferentes textos: um sobre Maquiavel e a concepção psicológica da História; o segundo, sobre Hobbes e sua doutrina do Direito Natural; as utopias são o tema do terceiro ensaio; e uma análise de Vico, sua “nova ciência” e a mitologia encerra a obra. O objetivo do autor é avaliar como a passagem do modo de produção feudal ao modo de produção capitalista moldou o surgimento de concepções de história e de sociedade que rompiam com os modelos medievais anteriores⁸⁵. Este conjunto de ensaios apresenta o materialismo⁸⁶ como método de compreensão da realidade. Neles, o autor relaciona o surgimento das ciências burguesas às transformações do modo de produção: “investigar a origem e a consolidação do pensamento moderno – o conhecimento racional, formal e matemático – evidenciando seu caráter indissociável da estrutura econômica da sociedade emergente é justamente a que Horkheimer se proporá” na obra⁸⁷.

Mas parece haver mais do que isso na obra: ao se reportar ao período em que estas ciências se formaram, Horkheimer nos permite vislumbrar o momento em que *elas representavam uma potência transformadora* e também nos mostra que elas recaem no problema anterior, isto é, como transição, acabam por consolidar elementos medievais que pretendem superar. Horkheimer nos deixa entrever, ainda, que o momento de transição do modo de produção produziu não apenas as ciências que se consolidariam

⁸⁴ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Trad.: Maria Margarida Morgado. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

⁸⁵ O comportamento intelectual do homem feudal é buscar o conhecimento (“sentido e objetivo do mundo e da vida”) no além. Isso muda com o renascimento, quando o homem “começa a pôr as questões sobre as causas neste lado de cá, passíveis de ser comprovadas pela observação sensível”. Estão aí as “bases das ciências da natureza da época moderna”, nos diz Horkheimer logo no início do primeiro ensaio do livro. HORKHEIMER, Max. *Ibid.*, p. 15.

⁸⁶ “Esta obra demonstra de modo paradigmático como deveria ser uma história da filosofia escrita segundo os princípios do materialismo em função dos seus métodos”, nos diz Alfred Schmidt na *Introdução*. In: HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. *Ibid.*, p. 9.

⁸⁷ CHIARELLO, Maurício Garcia. *Das lágrimas das coisas – Estudo sobre o conceito de natureza em Max Horkheimer*. 1ª edição. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Fapesp, 2001. P. 39.

como fundamentos da modernidade nos séculos seguintes, mas também *saberes que se opunham a elas*, ou seja, *as possibilidades de resistência*. O estudo dialoga com uma época em que, como vimos, a ordem burguesa se dissolvia; recuperar a origem desta sociedade permitia rever os caminhos que levaram a sua consolidação e, assim, poderia dar subsídios para encaminhar a sociedade a uma organização racional (portanto, contra o irracionalismo) que rompia com o modelo burguês (portanto, contra o Esclarecimento positivista). Ou seja, a análise poderia ajudar a entender a conjuntura de então (anos 20-30 do século XX), oferecendo subsídios teóricos para a transformação social.

Maquiavel, “o primeiro filósofo da história da época moderna” e “defensor de uma sociedade burguesa em expansão”⁸⁸, está na transição entre o passado feudal e a emergência do modo de produção capitalista que dá forma à sociedade burguesa. Assim, temos que a ciência política formatada pelo pensador florentino representava um avanço em relação ao conhecimento medieval: se antes o conhecimento sobre o domínio dos homens estava vinculado à Religião, agora era um saber acessível aos próprios homens, assim como o estabelecimento das leis naturais permitira aos homens dominar a natureza. Em ambos os casos, tratava-se, enfatiza Horkheimer, de uma necessidade da sociedade burguesa em expansão⁸⁹ para consolidar seu poder. Nesse contexto, de acordo com a interpretação materialista de Horkheimer, o objetivo da ciência política era garantir um estado forte capaz de “promover o poder e a grandeza, a segurança do estado burguês enquanto tal”⁹⁰, o que asseguraria o bem-estar e o desenvolvimento de todos os membros da sociedade.

Mas, para estabelecer a ciência política, Maquiavel teve que utilizar o mesmo fundamento das leis naturais: a uniformidade dos fenômenos observados, ou a garantia de que eles se repetirão no futuro como aconteceram no passado – condição para a determinação de regras gerais. De acordo com Horkheimer, então, Maquiavel recorreu à “teoria da igualdade da natureza humana”⁹¹ e dela tirou como consequência o fato de que o exercício do poder depende das tendências naturais de cada homem: o caráter (modo de pensar e sentir do homem) dependia, para Maquiavel, de

⁸⁸ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Op. cit., p. 41.

⁸⁹ “A ciência da sociedade burguesa está indissociavelmente ligada, no seu aparecimento, ao desenvolvimento técnico e industrial. Esta ciência não pode ser compreendida sem se considerar a relação de domínio da sociedade sobre a natureza”. A sociedade burguesa não se baseia, porém, apenas no domínio da natureza, como também, “e sobretudo”, “no domínio dos homens sobre os próprios homens”. HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 17.

⁹⁰ Ibid., p. 23.

⁹¹ Ibid., p. 19.

fatores naturais historicamente imutáveis e de modo algum de modificações sociais completadas no decorrer da história. No sentido da ciência moderna, só se pode explicar aquilo que em função da mutabilidade se mantém constante; (...) Os caracteres dos homens são, do mesmo modo, para Maquiavel, o último material explicativo do curso da história, porque se compõem dos elementos espirituais constantes, dos mesmos impulsos e paixões.⁹²

É fácil entender porque, para a perspectiva materialista, que considera os homens e a sociedade como determinados historicamente nas relações de produção, esta *interpretação psicológica da história* é “dogmática”⁹³ e “naturalista”⁹⁴. É assim que, embora revolucionária em consideração ao ponto de vista medieval, a interpretação psicológica da história de Maquiavel é também uma perspectiva doutrinária que serve aos interesses materiais da burguesia em ascensão, do ponto de vista do materialismo.

Hobbes também está no período transitório entre o feudalismo e o capitalismo, e sua filosofia representa, assim como a de Maquiavel, ao mesmo tempo, uma ruptura e uma continuidade com o pensamento anterior. O pensador inglês também recorreu a uma analogia naturalista (partindo do conceito de indivíduos isolados, isto é, indivíduos considerados como exemplares da espécie, não em suas particularidades) para explicar o movimento da história: assim como na física o movimento se explica pelas modificações das partes dos corpos, o homem também é um “mecanismo composto por partes corpóreas”, sujeito às leis mecânicas da natureza⁹⁵. Como consequência, temos que “o estado age em relação aos indivíduos, como estes relativamente às partes teciduais do seu corpo, isto é, como qualquer sistema físico em relação aos seus componentes materiais”⁹⁶.

É com base nessa acepção naturalista do indivíduo isolado que Hobbes justificava o estado: na natureza todos são livres, o que gera medo e insegurança; para equilibrar a ilimitada liberdade e o ilimitado medo, instaura-se um contrato primitivo em que cada um abre mão de sua soberania para “um homem ou um agrupamento”, que

⁹² HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Op. cit., p. 33.

⁹³ “A vontade está tão condicionada por fatores naturais, nomeadamente os impulsos, as tendências naturais contra as quais nada pode ser feito, como o está a queda de uma pedra pela força da gravidade”. HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 31.

⁹⁴ “É uma abordagem naturalista o fato de as diversas reações do homem derivarem do conceito de indivíduo entendido como espécie biológica, sem se tomarem em consideração aqueles momentos em que os indivíduos são condicionados não pela natureza extra-humana, mas pela sociedade em desenvolvimento, pelas avassaladoras leis sociais”. HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 38.

⁹⁵ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 45.

⁹⁶ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 45.

passa a exercer o domínio⁹⁷. O estado estabelecido pelo contrato não podia ser quebrado, observava o pensador inglês, e seu objetivo era estabelecer medidas para assegurar a paz e “a riqueza do cidadão”⁹⁸; assim, como o estado surgia de um acordo entre os indivíduos, os deveres políticos eram *leis naturais*, o que significava que toda ação política estaria voltada “naturalmente à manutenção o mais longa possível da vida e das estruturas”⁹⁹, dos indivíduos e da sociedade. Horkheimer considera o direito natural uma posição dogmática, “essencialmente um substituto do mandamento religioso medieval”¹⁰⁰. Assim, ainda que seja uma resposta progressiva para a época, pondera o alemão, ela se funda na ideia de que os interesses humanos são imutáveis e naturais – o que, para ele, esconde o fato de que tais interesses “não são unos, que podem divergir e modificar-se, que por isso o estado se pode transformar de uma expressão dos interesses gerais numa particular”¹⁰¹.

Horkheimer aponta a presença desta dubiedade também na tentativa hobbesiana de justificar a nova ordem recorrendo às ideias, “leis” que se afastam da natureza humana e foram inventadas por aqueles que queriam dominar os outros homens (como as ideias metafísicas, morais e religiosas do período medieval): é preciso “arrancar os meios ideológicos de poder dos velhos poderes e aplicá-los a si próprio”¹⁰², ou seja, “ao serviço de uma nova e boa causa: a do estado burguês”¹⁰³. Para isso, defendia Hobbes, era preciso usar as universidades (que até então refletiam a ideologia medieval) para ensinar e consolidar o direito natural e a ideologia burguesa. Horkheimer entende que esta posição hobbesiana resulta de sua posição histórica (transitória) e é revolucionária e doutrinária porque apresenta, ao mesmo tempo, uma “penetração crítica de ideias e teorias sociais” (faz uso da razão para romper com a ideologia anterior) e uma “tendência de consolidação” (busca fixar essa razão emancipadora em uma doutrina dominadora, isto é, em ideologia).

Após as análises sobre dois pensadores cuja filosofia corresponde a uma apologia da organização social burguesa, Horkheimer passa a estudar pensadores que não comungam da mesma confiança nessa nova forma de sociedade: os utopistas (notadamente o inglês Thomas Morus e o monge italiano Campanella) e o italiano

⁹⁷ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 51-52.

⁹⁸ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 54.

⁹⁹ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 53.

¹⁰⁰ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 56.

¹⁰¹ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 57.

¹⁰² HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 59.

¹⁰³ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 62

Gianbattista Vico. A reflexão sobre eles permite mostrar como, do ponto de vista materialista e dialético, assim que surgiu a posição burguesa, nasceu também a posição que se oporia a ela.

Os utopistas, pondera Horkheimer, apresentavam uma crítica à sociedade e à economia burguesas calcada no desprezo à propriedade privada: de um lado estavam os donos do saber da produção e de seus meios, e de outro, aqueles que haviam deixado de possuir os meios e tinham de vender sua força de trabalho para sobreviver. E que, por isso, viviam na pobreza. Para os utopistas, apesar de liberar da servidão, a economia burguesa não seria capaz de acabar com a verdadeira miséria¹⁰⁴: o apelo burguês ao bem comum escondia a base econômica focada na concorrência e nas vontades particulares, privadas, e o verdadeiro interesse coletivo só poderia ser pensado a partir de uma base comum¹⁰⁵.

Horkheimer mostra, assim, que os utopistas conseguiram lidar de maneira crítica, e não apologética, com a conjuntura produtiva. No entanto, observa, eles também não podiam escapar das limitações que o modo de produção da época lhes impunha. Deste modo, a resposta deles à situação miserável imposta a parte da população pelo modo de produção capitalista ascendente era uma “representação daquilo que podia ser”¹⁰⁶: não havia condições materiais para o desenvolvimento de uma sociedade baseada na propriedade comum¹⁰⁷. Sem os pressupostos econômicos necessários, portanto, o estabelecimento das sociedades utopistas só seria possível a partir da “vontade livre do cidadão”, isto é, de uma “livre resolução racional dos homens”¹⁰⁸. “Para ela [a utopia], a modificação do que existe não se liga à difícil transformação das bases da sociedade, mas à cabeça dos sujeitos”¹⁰⁹: determinados por sua época, assim como os filósofos burgueses, também os utopistas recorrem à interpretação psicológica da história, esclarece Horkheimer.

Para o pensador alemão, o idealismo que fundamenta a crítica utopista é capaz apenas de constatar, e não de transformar a realidade¹¹⁰; para atingir este objetivo, devemos contar com o materialismo. Isto significa que, para mudar a sociedade (e esta

¹⁰⁴ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 83

¹⁰⁵ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 85.

¹⁰⁶ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 83.

¹⁰⁷ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 82.

¹⁰⁸ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 80.

¹⁰⁹ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 81.

¹¹⁰ “(...) como em toda utopia, o pensamento ansioso forma uma bela imagem a partir dos elementos inalterados do presente”, dirá Horkheimer em 1933. HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Trad.: Hilde Cohn. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008. P. 70.

parece ser uma resposta direcionada para sua contemporaneidade), a mudança deve partir de quem *sofre* com a realidade, os miseráveis que sofrem a opressão da ordem burguesa. Isto mostra quem era, para Horkheimer, no final dos anos 1920 e começo dos anos 1930, o agente da revolução: *a mudança deveria ser efetuada pelo proletariado*, por aqueles que não possuíam os meios de produção e vendiam sua força de trabalho. Os utopistas tiveram o mérito de mostrar o objetivo a ser atingido: a sociedade racionalmente organizada no interesse comum, sem propriedade privada. Ou seja, tiveram a ideia pertinente de adequar os objetivos aos meios disponíveis. Horkheimer defende que “a sociedade amadurece para uma transformação das bases e para isso desenvolve suas forças”¹¹¹. Nessa conjuntura, se os meios ainda não estão disponíveis, cabe às forças materialistas adequar a luta à condição material de cada época até o momento em que as condições permitirem a revolução (a transformação da sociedade). Não se pode ficar esperando a condição certa para agir (como faz mecanicamente o materialismo ortodoxo): é preciso trabalhar, agir para que a condição seja favorável à transformação social. O materialismo horkheimeriano defende a necessidade da ação; sem ela, não é possível romper as forças que deixam seu caráter libertário e se solidificam, voltando-se para a manutenção do *status quo*. Por exemplo, a filosofia do Direito Natural fazia sentido na conjuntura da transição feudal para o sistema capitalista; no entanto, conservar essa posição assim que as forças produtivas se desenvolvem é ideologia¹¹², dominação pelas ideias¹¹³.

Vico é um pensador capaz de ver além da ideologia burguesa. Horkheimer defende que a interpretação que considera a história de modo idealista, isto é, acima dos homens, é “metafísica dogmática”¹¹⁴: para ele, a história precisa de uma filosofia que dê sentido às aflições humanas. Vico, segundo o pensador alemão, é o primeiro a propor

¹¹¹ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Op. cit., p. 86.

¹¹² HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 86.

¹¹³ Outro exemplo da busca horkheimeriana pelo componente emancipador do pensamento burguês, e de “como uma escola de pensamento podia desempenhar diferentes papéis em contextos históricos diferentes”, é um ensaio publicado em 1937 na Revista de Pesquisa Social. De acordo com Jay, ao falar dos empiristas britânicos John Locke e David Hume, o artigo de Horkheimer diz que o pensamento deles tinha um “componente dinâmico e até crítico, ao perceber o indivíduo como a fonte do conhecimento. Os empiristas do Iluminismo tinham usado suas observações para minar a ordem social vigente”. No entanto, o que era revolucionário naquela conjuntura histórica, em outro contexto, acabou virando dogmatismo. “Mas o positivismo lógico contemporâneo perdera essa qualidade subversiva, ao afirmar que o conhecimento, apesar de inicialmente derivado da percepção, dizia respeito, na verdade, a juízos formados sobre essa percepção, contidos nas chamadas ‘sentenças protocolares’”, reduzindo a realidade apenas ao que estava contido nessas sentenças. Assim, “o uso iluminista do empirismo como uma arma engajada contra as mistificações da superstição e da tradição” se transformou, modernamente, num empirismo que, “apesar de suas intenções, capitulava diante da autoridade do *status quo*”. JAY, Martin. Op. cit., p. 106-107.

¹¹⁴ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Op. cit., p. 89.

uma ciência que busca o sentido escondido por trás dos fatos históricos e faz essa busca com base na realidade: é um homem de “espírito revolucionário”¹¹⁵. Como um homem de seu tempo, Vico considera a ordem da natureza; mas ele vai além dos filósofos de sua época e considera também a realidade “do lado característico dos homens: cuja substância tem a característica principal de ser social”¹¹⁶. Ou seja, diferente dos filósofos burgueses, Vico pretende considerar uma ciência que trata os homens não como indivíduos isolados, mas em sua relação. A tarefa da ciência é descobrir as leis desse sentido oculto da história, que conduz os homens “a uma formação social e cultural”¹¹⁷ apesar de suas individualidades. Para ele, o princípio para o desenvolvimento histórico é a necessidade: “as produções humanas se devem explicar como necessidades, melhor dizendo: como reação a necessidades materiais”¹¹⁸. É esse o sentido que Vico dá em suas interpretações dos relatos mitológicos, os primeiros relatos sobre os primórdios da humanidade; desta forma, “as interpretações dos mitos não são criações do espírito, mas reflexos da realidade social mesmo se de um modo figurado”¹¹⁹. Tem-se assim, afirma Horkheimer, uma “doutrina da Filosofia da história”:

As ideias espirituais, características de um período, surgem do processo de vida social, no qual a natureza e o homem se encontram em ação recíproca. O seu conteúdo, tanto nas mais obscuras ideias como no mais claro conhecimento – é a realidade, o ser; é apenas preciso conhecer a realidade que lhe serve de base, que se reflete até no mais obscuro dos cultos¹²⁰

Desta forma, Horkheimer nos mostra que, diferente de Hobbes, que considera mitologia e metafísica teorias erradas e inventadas para enganar os homens, Vico as considera formas “aparentes e desfiguradas da realidade num estágio de desenvolvimento histórico muito baixo”¹²¹, escondendo o que há na base real. Assim, à filosofia da história que se baseia num “sentido nebuloso”, “independente” e “aparente”, logicamente construída, *se opõe* aquela cuja base está no sentido e razão que os homens realizam.

Isto quer dizer que, mesmo na origem da filosofia burguesa, dialeticamente já é possível encontrar o que se opõe a ela. Maquiavel e Hobbes expressam potências transformadoras em relação aos medievais, ao mesmo tempo em que consolidam a nova

¹¹⁵ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 108.

¹¹⁶ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Op. cit., p. 93. Apud VICO, Gianbattista. *A nova ciência sobre a natureza comum dos povos*.

¹¹⁷ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 95.

¹¹⁸ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 97.

¹¹⁹ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 101.

¹²⁰ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 101.

¹²¹ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 103.

ordem. “As ideias significativas que dominam uma época possuem uma mais profunda origem que a má vontade de alguns indivíduos”¹²², afirma Horkheimer, contra a interpretação psicológica da história operada pelos pensadores florentino e inglês. Não se pode deixar de notar que, embora ela traga novidades em relação à concepção religiosa medieval (o movimento e o uso da razão contra a ideologia), utiliza ao mesmo tempo elementos da perspectiva anterior (Maquiavel e Hobbes recorrem a algo *externo* para explicar o homem e a sociedade) – e, com isso, acaba fixando o que era revolucionário¹²³. Já os utopistas e Vico anunciam a possibilidade de *resistência* nessa fase de transição. A sociedade poderia ter seguido de acordo com estes; não foi porque o desenvolvimento das forças produtivas determinou a consolidação do que aqueles representavam. Isso mostra, porém, que a filosofia burguesa não é natural: é o resultado de um processo histórico de desenvolvimento econômico, ou seja, a dubiedade dos pensamentos de Maquiavel e Hobbes e a existência dos utopistas e da filosofia de Vico fortalecem uma leitura materialista da história. Interpretação que parte das próprias relações de produção, isto é, *de algo produzido pelo homem e não externo a ele* para explicar o homem e a sociedade: o modo de produção determina “os fatos da vida dos indivíduos”, o seu “conhecimento do mundo exterior, conteúdo e construção da sua visão de mundo”¹²⁴. Assim,

a totalidade da realidade é idêntica ao processo de vida da humanidade, em que nem a natureza nem a sociedade, nem sequer as suas relações se mantêm inalteradas. Assim, não se pode compreender o conteúdo e tipo da condição intelectual dos homens sem conhecimento da época em que vivem e até – abstraindo dos primitivos – sem conhecimento da posição especial do grupo a que pertencem no processo social de produção.¹²⁵

Por que este texto é importante? Porque afirma o papel e o tipo de materialismo necessários para responder à conjuntura do final dos anos de 1930. Se antes Horkheimer não sabia como superar a crise da ciência, como vimos no primeiro capítulo, agora parece que há uma metodologia clara. Se as filosofias burguesas tinham sido

¹²² HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 71.

¹²³ Um bom resumo desta posição aparece em *Sobre o problema da verdade*: “Nos primórdios da ordem burguesa, a dedicação a estudos isolados de direito e de ciências naturais, sem qualquer consideração pelos vínculos sociais e religiosos, constituía diretamente um momento de libertação da tutela do pensamento”. Com a mudança da estrutura social, no entanto, este comportamento se tornou “reacionário e obstrutivo”; na sua época, “abster-se das energias intelectuais nas questões culturais e sociais em geral, colocar entre parênteses os interesses históricos e as lutas atuais, constitui mais um sinal do medo e da incapacidade de uma atuação racional do que da dedicação às verdadeiras tarefas da ciência. A essência de fenômenos psíquicos se transforma com a totalidade social”. HORKHEIMER, Max. *Sobre o problema da verdade*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 142-143.

¹²⁴ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Op. cit., p. 70.

¹²⁵ HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Ibid., p. 71.

revolucionárias (rompendo com o *status quo* anterior) mas, ao mesmo tempo, doutrinárias (tomadas em sentido positivo, acabaram consolidando-se em um ordem institucional que, embora nova, mantinha o privilégio a poucos e a submissão e miséria de muitos), o materialismo deve rejeitar esta segunda posição e *se manter como revolucionário*, isto é, *crítico*. Para tanto, era preciso deixar de lado a ortodoxia (o que já acontecera nos anos 20, com sua aceitação na universidade) e, ao mesmo tempo, não cair na armadilha positivista (ou seja, não podia se tornar apenas mais um tema de estudo acadêmico). Era preciso um materialismo capaz de manter a relação entre teoria e prática, capaz de dar direção emancipadora às ciências especializadas, recuperando a capacidade revolucionária que um dia elas haviam tido. *Origens da filosofia burguesa da história* tem importância também por mostrar claramente a crença de Horkheimer no proletariado como agente da mudança. Dito de outra maneira, os ensaios ajudam a compreender *como* a revolução é possível e *a quem* cabe operá-la, e desta forma permitem observar como o pensamento de Horkheimer, no início dos anos 1930, resultava e respondia às condições históricas que se consolidaram ao longo da década anterior¹²⁶.

Outro ensaio desta mesma época enfatiza a posição horkheimeriana de então: *Observações sobre ciência e crise*, o primeiro artigo dele para a *Revista de Pesquisa Social*. A publicação foi criada em 1932 em substituição à revista *Arquivo de História do Socialismo e do Movimento Operário* que era editada por Grünberg¹²⁷. O ensaio de Horkheimer, logo na primeira edição, reafirma o caminho interdisciplinar adotado pelo novo diretor do IPS, dois anos após seu discurso de posse. Nele, o autor defende a “teoria marxista da sociedade”¹²⁸ como o conjunto de saberes que, capaz de articular teoria e prática, poderia superar a crise da ciência. Que crise? Aquela que apresenta, de um lado, uma “teoria pragmática do conhecimento”¹²⁹. Trata-se das ciências burguesas especializadas, que foram formuladas como “uma meta parcial do processo burguês de

¹²⁶ Nos anos 20, Horkheimer “ainda estava seduzido pelo potencial revolucionário da classe trabalhadora”, nos diz Jay (JAY, Martin. Op. cit., p. 88). Mas ele também afirmará que “Na década de 1930, porém, os sinais da integração do proletariado à sociedade eram cada vez mais visíveis; para os membros do Institut, isso ficou ainda mais claro depois da emigração para os Estados Unidos (JAY, Martin. Op. cit., p. 85).

¹²⁷ A *Revista de Pesquisa Social* “distinguiu-se radicalmente de sua antecessora”, menciona Wiggershaus (WIGGERSHAUS, Rolf. Op. cit., p. 147). Ideia de Horkheimer, ele nos conta, a nova publicação (que continuou sendo editada no exílio, nos anos seguintes, até o início da década de 1940) foi “a primeira demonstração publicitária da orientação e das capacidades do Instituto sob a nova direção”.

¹²⁸ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 7.

¹²⁹ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 7.

emancipação, em discussão crítica com os entraves escolásticos à pesquisa”¹³⁰, mas que, na virada do século XIX, já haviam “perdido seu sentido progressista” e, ao contrário, provaram-se “um instrumento de limitação do progresso científico, transformando-se num mero registro, classificação e generalização de fenômenos, despreocupado com a distinção entre o desimportante e o essencial”¹³¹. Apesar de criticá-las, Horkheimer garante a elas sua possibilidade emancipadora ao dizer que as obstruções que se apoderaram das ciências resultam de uma alteração diretiva, e não de falhas internas: as condições sociais que visavam uma sociedade melhor foram sendo substituídas por “pelo empenho em consolidar a eternidade do presente”¹³².

Do outro lado da crise da ciência, para o pensador alemão, aparece a “metafísica do pós-guerra”¹³³, que, se tinha o mérito de questionar o “estreitamento visual convencional”¹³⁴ da ciência burguesa, no entanto, o fazia de modo simplesmente negativo. Ao apresentar “como realidade concreta quase sempre ‘a vida’, ou seja, ainda uma essência mítica e não a sociedade real e viva na sua evolução histórica”¹³⁵, esta metafísica “se desvia das causas da crise social e *desvaloriza até os meios de investigá-la*”¹³⁶. Ou seja, ao negar a ciência burguesa, ela desconsiderou também a possibilidade emancipadora que estas carregavam consigo.

Para o Horkheimer de então, como vimos, o conhecimento mais adequado à superação da crise científica é o materialismo, capaz de unir a filosofia (metafísica) à ciência (burguesa); caberá ao materialismo abrir os campos de saber e integrá-los numa interpretação que permita visualizar o todo social: “a ciência está empenhada no conhecimento de relações abrangentes; porém, é incapaz de compreender na sua vivência real a relação abrangente de que depende sua própria existência e a direção do seu trabalho, isto é, a sociedade”¹³⁷. Isto é possível porque “também a ciência, segundo a envergadura e a direção dos seus trabalhos, é determinada não só pelas tendências que lhe são próprias, mas também, no fundo, pelas necessidades sociais da vida”¹³⁸. Aplicar o método materialista, então, é considerar a ciência a partir do todo social, além de sua

¹³⁰ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 8.

¹³¹ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 8-9.

¹³² HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 9.

¹³³ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 10.

¹³⁴ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 10.

¹³⁵ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 10.

¹³⁶ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 10.

¹³⁷ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 11.

¹³⁸ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 11.

função específica e utilitária, de modo a recuperar seu sentido emancipador e a direcioná-la para a “alteração das suas condições reais na práxis histórica”¹³⁹.

2.2 A articulação entre a filosofia e a ciência especializada: resistência possível

Pretendemos agora relacionar o materialismo interdisciplinar com a conjuntura do final dos anos 1920 e do início dos anos 1930 para explicitar como este programa era a resistência possível naquela realidade histórica. Verificamos, no primeiro capítulo, que o momento político alemão dos anos 1920 era favorável à esquerda, e era mesmo possível acreditar na revolução. Nesse ambiente, a aproximação do marxismo com a filosofia permitiu a entrada e consolidação do materialismo no meio acadêmico. Para isto certamente contribuiu o trabalho de Grünberg à frente do IPS:

Ele havia criado uma situação que era única em seu gênero, no ensino superior alemão – e não apenas alemão. O marxismo e a história do movimento operário podiam doravante ser ensinados e estudados na universidade, e quem o desejasse podia também defender tese sobre esses temas. Havia, a partir de então, em Frankfurt, um professor titular de ciências econômicas e sociais que era reconhecidamente marxista. Havia um Instituto ligado à Universidade cujo trabalho era especificamente dedicado à pesquisa sobre o movimento operário e o socialismo de um ponto de vista marxista, e no qual, marxistas como Karl Korsch ou marxistas austríacos como Max Adler, Fritz Adler e Otto Bauer podiam fazer conferências. Os dois assistentes do Instituto, Friz Pollock e Henryk Grossmann, davam ciclos de palestras como professores assistentes na Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais da Universidade, onde defenderam suas teses, Grossmann em 1927, Pollock em 1928, e onde Grossmann recebeu uma cátedra, em 1930. A edição das obras de Marx e Engels foi reconhecida de fato como um dos trabalhos científicos que faziam parte das tarefas da Universidade.¹⁴⁰

No entanto, é possível constatar a presença de uma certa ambiguidade na consolidação do marxismo como tema acadêmico: desta maneira, ele se inseria no quadro das ciências especializadas, ou seja positivistas¹⁴¹. Como vimos, Horkheimer era, já no final dos anos 20, um opositor do positivismo. Assim, podemos dizer que o materialismo que ele propõe ao assumir a direção do IPS é uma ação de *resistência* que se insere num quadro mais amplo, que abarca as esferas política, econômica e científica. O marxismo era a chave de leitura daquela conjuntura, mas seria preciso retirá-lo do

¹³⁹ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 11.

¹⁴⁰ WIGGERSHAUS, Rolf. Op. cit., p. 66.

¹⁴¹ “Tal era o preço elevado que o materialismo histórico pagava para ser reconhecido como valor científico: aproximação entre outras – fosse embora privilegiada do *dado* social, ele estava catalogado entre as rubricas da nova e ecumênica ciência social, como ponto de vista importante mas parcial sobre um objeto comum”. ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. Trad.: Helena Cardoso. 1ª edição. São Paulo, Editora Ática: 1991. P. 60.

modelo das ciências “tradicionais” e deixar de tratá-lo como ortodoxia (aproximando-o da Filosofia). A este respeito, Chiarello nos diz:

Horkheimer, assim como Lukács, encontrava-se num momento em que procedia a esperança na revolução iminente, e ambos entenderam que somente uma práxis histórica transformadora da estrutura da economia burguesa poderia salvar o conteúdo da verdade da filosofia. Diferentemente de Lukács, porém, para quem a superação da reificação punha-se antes de tudo na dependência da consciência de classe do proletariado, Horkheimer a entendeu, ainda assim, indissociável do trabalho teórico. O programa de pesquisa de materialismo interdisciplinar, que visava integrar a investigação das ciências especializadas com o trabalho filosófico, é o que há de original em sua tentativa de superar a reificação vigente na teoria tradicional.¹⁴²

Além disso, precisamos mencionar a influência de Schopenhauer para o pensamento de Horkheimer naquele momento. De fato, Schopenhauer fora uma leitura da juventude horkheimeriana (como já dissemos acima); o pessimismo do pensador do século XIX se faz presente no pensamento de Horkheimer nos anos 1920 tanto “no desprezo pelas suposições mais arrogantes do racionalismo”¹⁴³ quanto na “condenação dos sistemas metafísicos”¹⁴⁴. Podemos relacionar esta herança da doutrina schopenhauriana à crítica de Horkheimer ao racionalismo, que ele considera válida sem, no entanto, ter de recorrer ao irracionalismo ou a valores absolutos. Mas podemos também ver a presença da influência schopenhauriana mesmo na interpretação materialista que será tomada como resposta à crise da ciência, no começo dos anos 1930: assim, ao otimismo da época quanto à possibilidade de revolução e ao determinismo do marxismo ortodoxo, Horkheimer apresenta um certo pessimismo¹⁴⁵. De fato, embora a época vislumbre condições para a transformação social, *ela não pode ser alcançada sem luta*. Esta visão pessimista é pressuposto para a ação; sua presença significa que é preciso se manter atento a uma leitura estritamente política e econômica da situação, e qualquer deslocamento deste método é incorrer em erro. Como nos diz Matos: “O pessimismo como instrumento de emancipação do materialismo antigo, mais do que do progressismo de Marx, e suas ressonâncias se encontram na leitura que

¹⁴² CHIARELLO, Maurício Garcia. Op. cit., p. 20-21.

¹⁴³ BRONNER, Stephen Eric. Op. cit., p. 94.

¹⁴⁴ CHIARELLO, Maurício Garcia. Op. cit., p. 67.

¹⁴⁵ É assim que podemos entender a frase “O pensamento metafísico, momento implícito em todo pensamento genuinamente materialista, me foi familiar desde sempre”, escrita por Horkheimer no *Prefácio para a reedição de Teoria Crítica I*. (Op. cit., p. 4). Mas mesmo ali ele se refere à influência schopenhauriana que se faria presente em sua obra mais tardia, após os anos 1940. De fato, “a grande influência de Schopenhauer na formação do pensamento de Horkheimer reaparecerá na obra do último período”, explica Olgária Matos na *Introdução de Teoria Crítica I* (MATOS, Olgária Chain Féres. *Introdução*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. XVII). Também a esse respeito, Bronner diz: “o notável pessimismo dos ensaios tardios de Horkheimer evidenciam a influência do filósofo que ele já admirava na juventude” (BRONNER, Stephen Eric. Op. cit., p. 94).

Horkheimer faz do pensamento de Schopenhauer: por seu *antifinalismo histórico*, faz pensar em Epicuro e Lucrécio”¹⁴⁶.

Pretendemos assim mostrar que a proposta horkheimeriana do materialismo interdisciplinar se baseava em uma interpretação daquela realidade histórica. Nela, ainda havia possibilidade para a revolução, e seu agente era o proletariado. Além disso, a essa tarefa devia se direcionar a teoria verdadeira¹⁴⁷: o materialismo (e não a insistência em filosofias irracionalistas ou nas ciências especializadas utilizadas com viés positivista) era a resposta possível e necessária para a crise da ciência, dialogando com a situação política (a teoria permitiria preparar as bases e observar oportunidades de revolução) e econômica (na medida em que a teoria poderia entrever as possibilidades de superação da economia capitalista). Nas palavras do próprio Horkheimer:

Na primeira metade do século, era uma expectativa plausível a revolução proletária nos países europeus atingidos pela crise e pela inflação. Que, no começo dos anos 30, os operários unidos, aliados aos intelectuais, poderiam ter evitado o Nacional-Socialismo, não se constituía uma vã especulação.¹⁴⁸

É assim, portanto, que o pensamento de Horkheimer se relacionava com a realidade do início dos anos 30: por meio de uma interpretação histórica em que as condições permitiam retomar o aspecto revolucionário do Esclarecimento, mas era preciso agir para direcioná-lo à emancipação – por meio de uma orientação das ciências especializadas para esse fim, ou seja, pelo arranjo de um *materialismo interdisciplinar*. Neste modelo, os pesquisadores das mais diversas disciplinas (“economistas, cientistas sociais, psicólogos, teóricos do direito e da política, filósofos e críticos de arte”¹⁴⁹) tinham como norte de seus trabalhos o pensamento de Marx. Assim, o conjunto de cada disciplina particular permitiria “produzir uma imagem da sociedade capitalista em seu conjunto, simultaneamente organizada em torno da valorização do capital e dotada de potenciais de superação dessa mesma dominação do capital”¹⁵⁰. Nobre enfatiza que,

¹⁴⁶ MATOS, Olgária Chain Féres. *Introdução*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. XXI. Itálico nosso em *antifinalismo histórico*.

¹⁴⁷ Neste sentido, “verdadeiro é o que fomenta a mudança social em direção a uma sociedade racional.” JAY, Martin. Op. cit., p. 107.

¹⁴⁸ HORKHEIMER, Max. *Prefácio para a reedição*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 1.

¹⁴⁹ NOBRE, Marcos. *Max Horkheimer: A teoria crítica entre o nazismo e o capitalismo tardio*. In: NOBRE, Marcos. (Org.) *Curso livre de Teoria Crítica*. 2ª edição. Campinas: Papirus, 2009. P. 38.

¹⁵⁰ NOBRE, Marcos. *Max Horkheimer: A teoria crítica entre o nazismo e o capitalismo tardio*. Ibid., p. 38.

neste modelo de materialismo interdisciplinar, a “posição central” cabia à economia política, “tal como já havia sido feito antes por Marx”¹⁵¹.

Quando da sua posse na direção do IPS, em janeiro de 1931, Horkheimer discursou sobre *A situação atual da filosofia social e a tarefa de um Instituto de Pesquisas Sociais*. De acordo com Jay, a abordagem horkheimeriana nesse discurso apresentava a diferença que o novo diretor implantaria em relação à orientação anterior dos trabalhos do IPS. “A filosofia social, tal como Horkheimer a via, não seria uma única *Wissenschaft* [ciência] em busca da verdade imutável”, o que queria dizer que o materialismo, no IPS, não seria uma disciplina fechada em si mesma:

Antes, deveria ser entendida como uma teoria materialista, enriquecida e complementada pelo trabalho empírico, do mesmo modo que a filosofia natural tinha uma relação dialética com disciplinas científicas distintas. Assim, o Institut continuaria a diversificar suas energias, sem perder de vista as metas sintéticas, interdisciplinares.¹⁵²

Ou seja, as ciências especializadas seriam responsáveis por uma análise do tempo em seus campos de conhecimento, e a síntese seria efetuada pela filosofia social – mais especificamente, o materialismo, orientado pela leitura das relações de produção efetuadas pela economia política. É o próprio Horkheimer quem explicita a tarefa da Filosofia: “O materialismo reclama a união da filosofia e da ciência”; de acordo com ele, existem diferenças “nas técnicas de trabalho entre tarefas da filosofia mais geral e das ciências especializadas”, mas não “entre os [métodos] da ciência em geral e da filosofia como tal”¹⁵³. É preciso ressaltar que a união de filosofia e ciência é possível por meio do materialismo. No ensaio *Materialismo e metafísica*, Horkheimer apresenta as objeções tanto ao pensamento que busca explicações para a realidade fora dela, em “absolutos” (metafísica), quanto àquele que procura as respostas transformando os fatos da realidade em “absolutos” (positivismo). Em ambos os casos temos um distanciamento do real: ou porque nos afastamos dele ou porque entramos nele de tal forma que não conseguimos ver além desse ponto. Nas palavras de Horkheimer: “Se a metafísica não-positivista exagera a ideia de seu próprio conhecimento, ao ser obrigada a afirmar analogamente sua autonomia, então o positivismo reduz o único conhecimento possível, a seu ver, a uma coleção de dados exteriores”¹⁵⁴. O materialismo, por outro

¹⁵¹ NOBRE, Marcos. *Max Horkheimer: A teoria crítica entre o nazismo e o capitalismo tardio*. Ibid., p. 38.

¹⁵² JAY, Martin. Op. cit., p. 64.

¹⁵³ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e metafísica*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 49.

¹⁵⁴ “Se a metafísica não-positivista exagera a ideia de seu próprio conhecimento, ao ser obrigada a afirmar analogamente sua autonomia, então o positivismo reduz o único conhecimento possível, a seu ver, a uma

lado, não fundamenta seus ideais (“uma realidade melhor”) em “ideias independentes dos homens” nem provém de “motivos teóricos”, mas da “necessidade de entender a sociedade contemporânea”; seu conteúdo é a “teoria econômica da sociedade”, uma vez que aquela sociedade “chegou ao ponto de barrar para um número cada vez maior de pessoas a felicidade que seria possível com base na abundância geral de recursos econômicos”¹⁵⁵.

O primeiro trabalho do IPS, anunciado já no discurso inicial do novo diretor, nos lembra Jay, explicita o novo arranjo científico do Instituto: “um estudo das atitudes de operários e empregados para com uma variedade de problemas da Alemanha e do resto da Europa desenvolvida”¹⁵⁶, o que significa que o primeiro foco do trabalho teórico seria a classe trabalhadora, e “seus métodos deveriam incluir o uso de estatísticas públicas e de questionários, respaldados por uma interpretação sociológica, psicológica e econômica dos dados”¹⁵⁷, reforçando a utilização do novo modelo interdisciplinar. Para Wiggershaus, a conclusão implícita do discurso de Horkheimer dizia:

o projeto do século XIX de utilizar a ciência, a técnica e a indústria para tornar a totalidade social cada vez menos arbitrária e injusta para com os indivíduos, e portanto exigindo menos sublimação, era retomado e prolongado com os meios mais aperfeiçoados de nossa época, e portanto com melhores perspectivas de êxito.¹⁵⁸

Donde podemos concluir que a tarefa a que Horkheimer se propunha era recuperar o aspecto libertário que já estivera presente nas ciências burguesas, orientando-as novamente para a emancipação.

coleção de dados exteriores”. (HORKHEIMER, Max. *Materialismo e metafísica*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 52).

¹⁵⁵ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e metafísica*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 58.

¹⁵⁶ JAY, Martin. Op. cit., p. 64.

¹⁵⁷ JAY, Martin. Op. cit., p. 64.

¹⁵⁸ WIGGERSHAUS, Rolf. Op. cit., p. 71.

3 A RESISTÊNCIA AO LONGO DA DÉCADA DE 30: A INCORPORAÇÃO DA PSICANÁLISE

Vimos no capítulo precedente de que maneira se consolidou o materialismo interdisciplinar proposto por Horkheimer para orientar os trabalhos acadêmicos do IPS, qual a relação desta metodologia com aquela conjuntura histórica e o seu papel na resposta à crise da ciência. No entanto, os ensaios do pensador alemão publicados no início dos anos 1930, ao mesmo tempo em que explicitam a centralidade da economia no arranjo das disciplinas, também mencionam frequentemente uma ciência em particular: a psicologia. Neste capítulo, pretendemos mostrar que o desenrolar da conjuntura da década de 1930 fez com que a psicologia, de papel secundário, acabasse assumindo uma importância maior no desenvolvimento do pensamento horkheimeriano e fosse fundamental para a sistematização de uma teoria crítica, mais ao final daquele decênio.

3.1 Nazismo e paralisia operária

Iniciaremos nossa apresentação ponderando a posição da psicologia no quadro do materialismo interdisciplinar. Para este objetivo, começaremos pela conferência *História e psicologia*, ministrada por Horkheimer em 1932, na Sociedade Kant. O filósofo alemão inicia a palestra explicitando qual seu conceito de história: a concepção materialista dialética, de Marx e Engels, que herda de Hegel a “existência de estruturas e tendências supra-individuais e dinâmicas na evolução histórica” e ao mesmo tempo descarta “a fé num poder espiritual independente, que atuaria na história”¹⁵⁹. No entanto, diferente dos pensadores liberais (que também rejeitaram esse *telos* supra-histórico), Horkheimer observa que para Marx e Engels a história não é movida pelo interesse dos indivíduos, ou seja, não é explicada psicologicamente; ambos consideram que os homens, suas ideias e criações, são condicionados pelo seu tempo (mais precisamente, pelas relações econômicas de produção de cada época). Assim é o conceito materialista de história: ele pressupõe que do crescimento das capacidades produtivas surge a possibilidade de uma nova organização social, melhor que a vigente, mas as instituições no poder reagem à mudança; dão-se então os conflitos que movem a história. Horkheimer, porém, tem o cuidado de distinguir o materialismo original de uma

¹⁵⁹ HORKHEIMER, Max. *História e psicologia*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 17.

interpretação ortodoxa: se este confia que as lutas levarão *necessariamente* à transformação social, aquele pressupõe a ação apenas a partir de uma “análise concreta”¹⁶⁰ das condições econômicas em vigor.

O papel da psicologia nesta concepção de história, afirma ele, é o de “ciência auxiliar, embora indispensável”: “se a história se articula segundo as diferentes maneiras como se consoma o processo de vida das sociedades humanas, então não são as categorias psicológicas mas as econômicas que são historicamente fundamentais”¹⁶¹. Seu conteúdo também deixa de ser o homem em geral¹⁶² e passa a ser,

em cada época, as formações psíquicas totais que possam evoluir no indivíduo, as aspirações, que formam a base de suas realizações manuais e espirituais, além dos fatores psíquicos enriquecedores do processo de vida social e individual, é que devem ser diferenciados daquelas constituições psíquicas relativamente estáticas dos indivíduos, grupos, classes, raças, nações, em suma, dos seus caracteres determinados pela respectiva estrutura social.¹⁶³

Assim, vemos que a psicologia é importante porque, ao relacionar a estrutura econômica à vida dos diversos grupos sociais¹⁶⁴, é capaz de explicar, cientificamente, como se dá a manutenção da ordem social quando a necessidade material que a possibilitou já foi superada (uma vez que isso ocorre não apenas por meios ideológicos, mas também psicológicos, nos lembra Jay¹⁶⁵). Ou, nas palavras de Horkheimer: “o mais importante numa análise de determinada época histórica é conhecer as forças e disposições psíquicas, o caráter e a capacidade de mudança dos membros dos diversos grupos sociais”.¹⁶⁶

Horkheimer também recorre à psicologia quando passa a discutir a moral e a possibilidade de ação – para o materialista, afirma no final de *Materialismo e*

¹⁶⁰ HORKHEIMER, Max. *História e psicologia*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 19.

¹⁶¹ HORKHEIMER, Max. *História e psicologia*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 19. Mais à frente, ele enfatiza: (...) a situação econômica dos homens atua até nas mais delicadas ramificações de sua vida psíquica. Não só o conteúdo, mas também a força das oscilações do aparelho psíquico são condicionadas pela economia” (Ibid., p. 26).

¹⁶² O objeto da psicologia é o indivíduo, enfatiza Horkheimer (HORKHEIMER, Max. *História e psicologia*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 22). Não é o homem em geral e nem a massa (“não há uma alma de massa nem uma consciência de massa”, *Op. cit.*, p.22), mas o indivíduo condicionado por sua posição classista, isto é, pelo papel que seu grupo social desempenha no processo produtivo. “Em lugar da psicologia de massas surge uma diferenciada psicologia de grupos, isto é, a pesquisa daqueles mecanismos de impulsos, que são comuns aos membros dos principais grupos do processo de produção”. (Ibid., p. 22).

¹⁶³ HORKHEIMER, Max. *História e psicologia*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 20.

¹⁶⁴ Podemos exemplificar esta diferença a partir do seguinte trecho: “(...) situações mais desfavoráveis no processo de produção, por exemplo, a direção de grandes indústrias, abrem uma tal perspectiva que se tornam insignificantes prazeres e aflições que para outros homens significariam grandes choques”. HORKHEIMER, Max. *História e psicologia*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 26.

¹⁶⁵ JAY, Martin. *Op. cit.*, p. 149.

¹⁶⁶ HORKHEIMER, Max. *História e psicologia*. In: *Teoria Crítica I*. *Op. cit.*, p. 21.

metafísica, o agir não se fundamenta em uma moral absoluta, em uma justificativa além da história, mas no desejo de felicidade (logo, não há uma forma única, determinada de ação). Mas o tema será aprofundado em outro ensaio, *Materialismo e moral*. Neste ensaio, o filósofo afirma que a moral surge com a burguesia¹⁶⁷ e expressa um conflito inerente a essa nova sociedade, aquele entre o interesse particular (que se funda em motivações econômicas como a posse, a propriedade privada) e as necessidades sociais: “Cada um está entregue ao acaso cego. O desenrolar de sua existência não guarda qualquer proporção com as suas possibilidades interiores, seu papel na sociedade atual não tem, na maioria das vezes, qualquer relação com aquilo que ele poderia produzir numa sociedade racional”.¹⁶⁸ Como não há identidade entre elas, surge um desconforto que a burguesia pretende superar com a “obediência a mandamentos rigidamente formulados”, instaurando uma falsa harmonia¹⁶⁹.

Embora enfatize que esta não é a resposta correta, Horkheimer vê como um avanço o fato de que a moral burguesa expressa um problema válido, o conflito entre indivíduo e sociedade. A pretensão burguesa de harmonizar esta relação¹⁷⁰ é uma tarefa que deve ser tomada pelo materialismo, por meio da “integração metódica de cada membro no seu processo de produção conscientemente dirigido”¹⁷¹. De fato, diz, “não basta cuidar de um íntimo virtuoso, do mero espírito e eventualmente da supressão dos instintos de propriedade mediante a disciplina”, como querem os burgueses, “mas é preciso cuidar para que os atos que possam produzir aquela felicidade [a sociedade racionalmente orientada que identifica interesses particulares e coletivos] aconteçam realmente”¹⁷². Para ele, não existe um campo de valores eterno que justifique a moral idealista dos burgueses (“Necessidades e desejos, interesses e paixões dos homens mudam de acordo com o processo social”¹⁷³), o que reflete a posição destacada da psicologia na união com as demais ciências auxiliares da história. Juntas, elas podem “explicar os valores sempre reconhecidos e sua mudança”¹⁷⁴: “[A moral] representa, antes de tudo, um estado psíquico. Descrever este, torná-lo compreensível em suas

¹⁶⁷ “Desde o Renascimento, acrescentou-se à filosofia uma nova categoria de virtude: a moral”. Mias à frente, diz: “a mais nova problemática moral tem suas raízes nas características da ordem burguesa”. HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 61.

¹⁶⁸ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 77-78.

¹⁶⁹ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 65.

¹⁷⁰ “Nesta sociedade almejada, os objetivos de cada indivíduo podem coexistir com os de todos os outros”. HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 69.

¹⁷¹ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 63.

¹⁷² HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 67.

¹⁷³ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 75.

¹⁷⁴ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 75.

condições pessoais e mecanismos de propagação de uma geração a outra é tarefa da psicologia”¹⁷⁵.

Assim, embora a resposta horkheimeriana para o problema moral seja materialista, ele necessariamente passa por uma ciência que vai mudando de *status* no quadro do arranjo interdisciplinar. Não poderia ser diferente: a psicologia é importante porque permite fazer uma relação entre a estrutura material e a vida dos grupos sociais¹⁷⁶, como vimos em *História e psicologia*, o que de fato ele reforça em *Materialismo e moral*: “os homens de hoje são diferentes não só pelas condições econômicas, mas também pelas qualidades espirituais e morais”¹⁷⁷. Ele chega a equiparar as duas ciências, quando argumenta que existiam condições, na época, para implantar a nova organização da sociedade; além do avançado estado de desenvolvimento material, “a parte da humanidade que, pela sua situação, depende necessariamente desta mudança” já está “psicologicamente preparada para isto; pois seu papel no processo de produção dirige-se menos para o aumento, aliás inútil, de bens do que para o emprego da sua força de trabalho. Nestas condições, facilita-se a formação de caracteres em que não é decisivo o instinto de posse”¹⁷⁸. Este ensaio será importante também porque vemos nele um momento de transição, em que Horkheimer ainda reitera temas como a centralidade da economia política na interpretação materialista de sua época, mas ao mesmo tempo, notamos o avanço da psicologia. Persiste, também, uma crença na possibilidade de revolução (desde que orientada pela teoria verdadeira), uma vez que as condições produtivas já estão amadurecidas, e na possibilidade de realização dos ideais burgueses por meio da ação: no entanto, o “contraste que se revelava entre o mundo burguês e as ideias burguesas originais”¹⁷⁹ vai se mostrando irrecuperável. Esta percepção, aliada à preocupação com o nazismo, aos poucos, fará com que o pessimismo tome a dianteira de seu pensamento.

¹⁷⁵ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 76.

¹⁷⁶ “Não é de modo algum apenas pela exigência, imposta diretamente pela situação material, que os processos intelectuais são dirigidos nos seus pormenores, mas da mesma forma por impulsos inconscientes, que na verdade, em última instância, são propriamente reações dos indivíduos à sua posição na sociedade”. HORKHEIMER, Max. *Da discussão do racionalismo na filosofia contemporânea*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 117. “As modificações na estrutura psíquica que caracteriza não só as culturas individuais, mas também dentro de cada grupo isolado determinado por elas, são consideradas momentos de um processo cujo ritmo foi ditado na história pela evolução e pela contínua transformação da relação dos homens com a natureza dada a cada vez na reprodução de sua vida, ou seja, foi ditado pela necessidade econômica”. HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 178.

¹⁷⁷ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 84.

¹⁷⁸ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 83.

¹⁷⁹ HORKHEIMER, Max. *Da discussão do racionalismo na Filosofia contemporânea*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 102.

Vimos que em diversos textos do início para meados dos anos 1930, a posição da psicologia vai ganhando espaço no pensamento horkheimeriano. Isto fica patente a partir de dois textos de 1936: *Egoísmo e movimento emancipador* e *Autoridade e família*. Neste, o filósofo é categórico:

Para compreender o problema por que uma sociedade funciona de uma determinada maneira, por que ela é estável ou se desagrega, torna-se necessário, portanto, conhecer a respectiva constituição psíquica dos homens nos diversos grupos sociais, saber como seu caráter se formou em conexão com todas as forças culturais da época.¹⁸⁰

Em *Egoísmo e movimento emancipador*, Horkheimer faz uma leitura materialista da antropologia burguesa, isto é: recorre às condições materiais para explicar as duas concepções de homem presentes na Idade Moderna, a pessimista (que vê a natureza do homem na maldade) e a otimista (que considera boa a natureza humana). Ambas, salienta o filósofo, promovem uma “condenação do egoísmo, em uma palavra, do prazer”¹⁸¹: “Depois da vitória da burguesia (...) a maior parte da humanidade deveria se acostumar a dominar sua própria pretensão à felicidade”¹⁸², de modo que a moral burguesa repressora significa a sujeição de toda tentativa de buscar a felicidade em esforço pelo bem comum. De acordo com ele, a sociedade burguesa não se baseia na cooperação consciente voltada à felicidade de seus membros; seu princípio vital é o empenho de cada um em trabalhar para si mesmo, pensando em sua própria conservação:

O isolamento como categoria antropológica resulta do seguinte: durante a época caracterizada pela emancipação do indivíduo, o homem, dentro da esfera básica, a econômica, se experimenta a si mesmo como um sujeito de interesses, isolado, e só entra em relação com os outros por meio da compra e venda.¹⁸³

Todos os indivíduos são competidores, logo, frios e indiferentes. Esse modo burguês de dominação foi ocultado na Idade Moderna, segundo o autor, “economicamente, por meio da aparente independência dos sujeitos econômicos, filosoficamente por meio do conceito idealista de uma liberdade absoluta do homem, e interiorizada por meio da domesticação e do apaziguamento do prazer”¹⁸⁴. Para entender melhor esses mecanismos psíquicos, Horkheimer recorre a Freud. “Sem o modo de consideração

¹⁸⁰ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 180.

¹⁸¹ HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Trad. Para o espanhol de Edgardo Albizu e Carlos Luis. Amorrortu editores. Buenos Aires: 1974. P. 154. Tradução nossa para o português.

¹⁸² HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Ibid., p. 175.

¹⁸³ HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Ibid., p. 205.

¹⁸⁴ HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Ibid., p. 162.

psicanalítico, não é possível compreender hoje a transformação das energias psíquicas no processo de interiorização”¹⁸⁵, diz. “Sua teoria das pulsões parciais, assim como da repressão (...) constituem o pré-requisito de uma compreensão psicológica do processo que estamos tratando aqui”¹⁸⁶.

Horkheimer já dissera que a hostilidade contra o prazer, presente nas concepções otimista e pessimista de homem da Idade Moderna, se origina da situação social da burguesia; no entanto, ressalta, o caráter corrompido do egoísmo não reside em si mesmo. É historicamente condicionado, logo, pode mudar¹⁸⁷. O pensador alemão afirma, então, a impossibilidade de dizer como seria esse novo egoísmo, e se volta para a aparição, na história anterior, de como se deram concepções de egoísmo que iam contra o espírito dominante. Os filósofos hedonistas, por exemplo, propuseram uma liberação da moral ascética que ia no sentido inverso ao da interiorização. Está posta assim a tarefa para o futuro: “Estes pensadores contribuíram muito pouco para fazer desta forma de vida uma realidade geral; essa é principalmente *a tarefa das personagens históricas em quem a teoria e a práxis histórica constituem uma unidade*.”¹⁸⁸

Grifamos esta última passagem para enfatizar que neste ensaio, de 1936, Horkheimer não nomeia o proletariado como a classe capaz de efetuar a revolução. Não é a primeira vez que isso ocorre: na verdade, ao longo da década de 1930, isso foi uma constante. Em *Materialismo e moral* (1933), começa a propor uma união entre operários e intelectuais para acabar com a desigualdade: “Não só as camadas dominadas mas também os desertores das classes dominadoras declararam-na perversa”¹⁸⁹. Em *Sobre o problema da verdade* (1935), a tarefa cabe aos portadores do “espírito crítico”, aqueles que possuem “capacidade crítica e espírito evoluído”¹⁹⁰. Mas notamos que a preocupação com o papel da classe trabalhadora na mudança social se apresenta já em

¹⁸⁵ HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Ibid., p. 215.

¹⁸⁶ Embora considere que as teorias mais recentes de Freud estejam mais biológicas, logo, mais positivistas e menos dialéticas (HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Ibid., p. 215). Como exemplo, Horkheimer cita a pulsão de morte, que segundo Freud resulta da hostilidade dos homens entre si e para a qual ele não vê alternativa otimista. “A eterna pulsão de morte vem a ser, como o diabo na Idade Média, o culpado de todo o mal”, pontifica o filósofo. HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Ibid., p. 217.

¹⁸⁷ Ele menciona duas opções para a massa em saída: lutar contra o existente, exigindo o cumprimento da moral burguesa, os ideais de liberdade e igualdade; ou aceitar essa situação que leva ao ódio pela felicidade dos outros. HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Ibid., p. 210.

¹⁸⁸ HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Ibid., p. 222.

¹⁸⁹ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p.81.

¹⁹⁰ HORKHEIMER, Max. *Sobre o problema da verdade*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 143.

1932, em *História e psicologia*, quando ele pondera a necessidade de indagar “como se produzem os mecanismos psíquicos que possibilitam manter latentes entre as classes sociais as tensões que suscitam a eclosão de conflitos com base na situação econômica”¹⁹¹ e a “adaptabilidade dos membros de um grupo social à sua situação econômica”¹⁹². Em palavras mais diretas, parece que Horkheimer quer perguntar: por que o proletariado se mantém longe da revolução?

“Essa [1930] foi uma década em que todas as esperanças no futuro pareciam perdidas”, diz Bronner¹⁹³. De fato, como já dissemos, a Grande Depressão fez a balança política alemã pender para a direita¹⁹⁴, e dentro das regras constitucionais. Porém, lembra Hobsbawn, “a novidade do fascismo era que, uma vez no poder, ele se recusava a jogar segundo as regras dos velhos jogos políticos, e tomava posse completamente onde podia”¹⁹⁵. O fascismo espalhou-se da política para outras áreas da sociedade em pouco tempo. Adolph Hitler foi nomeado chanceler em janeiro de 1933 pelo presidente Hindenburg; em março daquele ano, o IPS foi fechado; em julho, a polícia secreta comunicou formalmente ao Instituto o confisco, com base em requisição de propriedades comunistas, por conta das “atitudes hostis ao Estado”¹⁹⁶.

Horkheimer, no entanto, já havia se resguardado temendo um avanço nazista: em 1931, os recursos econômicos do Instituto foram transferidos para a Holanda, e em 1933 foi criada uma sucursal do IPS em Genebra, na Suíça; no mesmo ano, pequenos escritórios foram abertos também em Paris e Londres. Jay aponta que haveria dificuldades para o grupo¹⁹⁷ ingressar no meio acadêmico da França e da Inglaterra, e além disso, havia o temor de que o fascismo se espalhasse pela Europa; assim, um

¹⁹¹ HORKHEIMER, Max. *História e psicologia*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 22.

¹⁹² HORKHEIMER, Max. *História e psicologia*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 22.

¹⁹³ BRONNER, Stephen Eric. Op. cit., p. 15.

¹⁹⁴ Hobsbawn nos lembra: “O que deu ao fascismo sua oportunidade após a Primeira Guerra Mundial foi o colapso dos velhos regimes, e com eles das velhas classes dominantes e seu maquinário de poder, influência e hegemonia. Onde estas permaneceram em boa ordem de funcionamento, não houve necessidade de fascismo” (*Op. cit.*, p.129). Na Alemanha, “as condições ideais para o triunfo da ultradireita alucinada eram um Estado velho, com seus mecanismos dirigentes não mais funcionando; uma massa de cidadãos desencantados, desorientados e descontentes, não mais sabendo a quem ser leais; fortes movimentos socialistas ameaçando ou parecendo ameaçar com a revolução social, mas não de fato em posição de realizá-la; e uma inclinação do ressentimento nacionalista contra os tratados de paz de 1918-20. Essas eram as condições sob as quais as velhas elites governantes desamparadas sentiam-se tentadas a recorrer aos ultrarradicais (...)” (HOBBSAWN, Eric. Op. cit., p. 130).

¹⁹⁵ HOBBSAWN, Eric. Ibid., p. 130.

¹⁹⁶ WIGGERSHAUS, Rolf. Op. cit., p. 157-158.

¹⁹⁷ “Dentro do Institut, um grupo menor se havia formado em torno de Horkheimer, composto por Pollock, Löwenthal, Adorno, Marcuse e Fromm. O núcleo das realizações do Institut nasceu do trabalho deles, enraizado na tradição predominante da filosofia europeia, aberto às técnicas empíricas contemporâneas e orientado para as questões sociais do momento”. JAY, Martin. Op. cit., p. 70.

representante foi enviado aos Estados Unidos para sondar as possibilidades de estabelecimento naquele país. O que veio a se confirmar em 1934, com o convite para que o Institut se filiasse à Universidade Columbia, de Nova Iorque.¹⁹⁸

É nesse contexto de fuga do nazismo que a psicanálise ganha espaço entre os pensadores do grupo, principalmente por meio de Erich Fromm, que desde 1926 já exercia a prática clínica e buscava uma fusão desta ciência com o materialismo. Lembremos que, embora a psicologia já fosse um dos temas de interesse de Horkheimer, ainda nos anos 1920, e ele a houvesse destacado em seu discurso inaugural na direção do IPS (quando anunciou a realização de uma pesquisa sobre a classe trabalhadora alemã), a importância da psicanálise foi se estabelecendo paulatinamente em seu pensamento, como pudemos ver acima. Podemos dizer, a partir do que já apontamos, que esta força decorre de uma leitura que o filósofo efetua daquele momento histórico: a ascensão do nazismo e a paralisia do movimento operário¹⁹⁹. Ou, nas palavras de Jay sobre o trabalho mais geral do IPS naquela conjuntura, cuja intenção era “(...) compreender o desaparecimento das forças ‘negativas’ no mundo”²⁰⁰.

Para entender melhor a situação deste desaparecimento, já mencionamos as observações de Horkheimer quanto ao proletariado; agora nos deteremos brevemente nas considerações do filósofo sobre o nazismo. Na verdade, ambas as questões estavam relacionadas: o estudo com trabalhadores alemães realizado pelo Instituto, no começo dos anos 1930, mostrou que a classe “oporia muito menos resistência a uma tomada do poder pela direita do que sugeria sua ideologia militante”²⁰¹. Além disso, na leitura dos pensadores do IPS, “à medida que o capitalismo evoluía em uma direção monopolista, as instituições políticas e jurídicas liberais eram cada vez mais substituídas por instituições totalitárias”²⁰². Isto quer dizer que, ainda que apoiada numa leitura econômica da situação, as categorias do liberalismo seriam insuficientes para lidar com um movimento que propugnava a ruptura com a ordem burguesa anterior. Ao mesmo

¹⁹⁸ JAY, Martin. Op. cit., p. 77-79.

¹⁹⁹ A este respeito, podemos contar também com uma observação de Bronner: “A economia política estava sendo suplantada pela psicologia social por Horkheimer e seus colegas, quando mais não fosse porque, em vários estudos empíricos sobre a classe trabalhadora e a natureza da autoridade, a pesquisa demonstrara que só uma pequena minoria dos membros dos partidos políticos de esquerda tinha orientação ideológica coerente e estava disposta a um engajamento revolucionário. Os trabalhos desse tipo tinham a óbvia intenção de explorar as condições que inibiam o processo revolucionário. (...) porém, eles também promoveram gradualmente o sentimento de que uma transformação emancipatória das condições reinantes já não era possível”. BRONNER, Stephen Eric. Op. cit., p. 100.

²⁰⁰ JAY, Martin. Op. cit., p. 131.

²⁰¹ JAY, Martin. Ibid., p. 167.

²⁰² JAY, Martin. Ibid., p. 172.

tempo, Hobsbawm lembra que os fascistas “eram contrários à racionalidade”: “A teoria não era o forte de movimentos dedicados às inadequações da razão e do racionalismo e à superioridade do instinto e da vontade”.²⁰³ Fica patente então a distância de princípio que existia entre um grupo irracional que buscava se impor em todas as esferas da sociedade (inclusive a econômica) e o grupo do IPS, que ainda apostava na racionalidade e pretendia recuperar o caráter emancipatório que fora perdido por ela²⁰⁴. Como já vimos, Horkheimer se opunha ao caráter irracionalista, um dos componentes do fascismo, desde os anos 1920, quando os nacional-socialistas ainda não tinham força política.

Desta maneira, o avanço nazista sobre a sociedade alemã, ao longo dos anos 1930, levou à necessidade de avaliar este movimento em termos mais profundos que a crítica a seu irracionalismo e a interpretação materialista da conjuntura econômica da Depressão. É neste contexto, em que se encontram os estudos sobre a autoridade, que o campo da psicanálise ganhou importância. Não há como deixar de pensar em Hitler, por exemplo, quando lemos a caracterização de Horkheimer para o “líder burguês” em *Egoísmo e movimento emancipador*: são personagens a favor dos poderosos, que levam o povo a falsas revoluções cujos objetivos são tirar os entraves que impedem o pleno desenvolvimento da economia (ou seja, substituir uma elite antiga por uma nova). Estas lideranças, diz o filósofo, não podem satisfazer completamente as massas, mas conseguem lidar com as necessidades delas para direcioná-las para suas intenções políticas, interiorizando seus impulsos e convocando-os em nome da comunidade, de algo que os une; nesse serviço, o líder se serve de instrumentos como discurso nas assembleias de massa²⁰⁵. E mostra para o povo, ao mesmo tempo, uma índole contraditória: é severo e doce, inspira amor e temor²⁰⁶:

A exigência de que a massa renuncie a satisfação de seus impulsos e os interiorize tem como contrapartida, a título de consolo ou compensação, a crença, constantemente reforçada, de que aqueles que não realizam esse esforço ou essa renúncia são réprobos e não poderão evitar o temível castigo. Por mais cruel e severo que o líder, civil ou eclesiástico, se mostre ao povo, sua brutalidade não o prejudica; antes aumenta seu prestígio porque a multidão se entrega à ilusão de que, por oposição aos outros, os estrangeiros e inimigos, é amada por ele.²⁰⁷

²⁰³ HOBBSBAWN, Eric. Op. cit., p. 120.

²⁰⁴ “Como Horkheimer repetiria insistentemente, a racionalidade estava na raiz de qualquer teoria social progressista.” JAY, Martin. Op. cit., p. 104.

²⁰⁵ Conforme HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Op. cit., p. 180.

²⁰⁶ Conforme HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Ibid., p. 203.

²⁰⁷ HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Ibid., p. 184.

No ensaio, Horkheimer ressaltava também o irracionalismo, as tendências “anti-intelectualistas” destes movimentos, o uso de símbolos²⁰⁸ e seu puritanismo (uma vez assegurada a nova ordem burguesa, “a justiça depende da volta à virtude”²⁰⁹, a obediência à ordem). Para tratar desses temas relacionados ao nazismo, a psicanálise passa a ser essencial e ocupar um espaço importante junto à economia.

*Junto à economia talvez não seja a expressão mais adequada: o correto seria dizer misturado à economia. A integração da psicanálise ao materialismo significa não que as duas disciplinas atuem lado a lado dentro de seus limites específicos de atuação, mas sim que seus conceitos transbordam desses limites disciplinares. Essa nova relação entre psicanálise e materialismo está explícita em *Autoridade e família*, parte geral introdutória de uma pesquisa empírica realizada durante cinco anos pelos pesquisadores do IPS, os *Estudos sobre autoridade e família*. O estudo, publicado em 1936, deveria ter quatro ensaios – o geral, escrito por Horkheimer, um de Fromm, um de Marcuse e um de Pollock (este último acabou não sendo realizado).*

Autoridade e família é composta de três partes: *Cultura, Autoridade e Família*. A primeira delas começa com uma consideração sobre como a divisão das eras históricas se baseava em critérios meramente políticos: um grupo que chegava ao poder marcava aí o início de uma nova contagem de tempo, uma “nova era”. Acontecera assim com a Revolução Francesa, diz Horkheimer, e aconteceu assim também com o Terceiro Reich, podemos acrescentar. O problema, para o autor, é que se tratava de uma divisão meramente subjetiva, sem base na realidade social – a chegada de um grupo ao poder não significava necessariamente uma alteração estrutural da sociedade. A essa interpretação da periodização histórica sem sentido se opõe aquela que vislumbra uma unidade estrutural para cada época. Tal unidade estrutural, para Horkheimer, não é a idealista de Fichte, Hegel ou Dilthey (cujo fundamento está em algo além do homem), mas a materialista, fundada na própria ação do homem. Mas vemos aqui como essa interpretação materialista horkheimeriana já não considera apenas o aspecto econômico, mas expressa uma interpenetração entre a economia e a psicanálise:

Ela [a escola materialista] pretende compreender as transformações da natureza humana no curso da história a partir da forma sempre diferente do processo material da vida da sociedade. As modificações na estrutura psíquica que caracteriza não só as culturas individuais, mas também dentro de cada grupo isolado determinado por elas, são consideradas momentos de um processo cujo ritmo foi ditado na história pela evolução e pela contínua

²⁰⁸ HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Ibid., p. 201.

²⁰⁹ HORKHEIMER, Max. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Ibid., p. 205.

transformação da relação dos homens com a natureza dada a cada vez na reprodução de sua vida, ou seja, foi ditado pela necessidade econômica.²¹⁰

Assim, temos que cada época histórica possui traços característicos, a cultura. Esta não é fixa, predeterminada, mas decorre do contexto econômico, do jogo de relações entre as classes, da consolidação de instituições e de formas psíquicas: “Toda a cultura é, assim, incluída na dinâmica histórica; suas esferas, portanto os hábitos, costumes, arte, religião e filosofia, em seu entrelaçamento, sempre constituem fatores dinâmicos na conservação ou ruptura de uma determinada estrutura social”²¹¹. Podemos ver que se trata de uma situação complexa, para a qual a explicação econômica não é mais suficiente: a incorporação da psicologia permitirá verificar com mais clareza a relação entre a gênese da estrutura psíquica das classes e o contexto cultural de cada época. Nas palavras de Horkheimer:

Para compreender o problema por que uma sociedade funciona de uma maneira determinada, por que ela é estável ou se desagrega, torna-se necessário, portanto, conhecer a respectiva constituição psíquica dos homens nos diversos grupos sociais, saber como seu caráter se formou em conexão com todas as forças culturais da época.²¹²

A situação econômica, prossegue Horkheimer, sempre dividiu os homens entre aqueles que produzem e aqueles que gerenciam a produção. Assim, a ordem estabelecida sempre significou um processo de coação, de interiorização da violência que os dominadores exercem primordialmente sobre os dominados. A psicanálise, para ele, terá o papel de explicar como a cultura atua na interiorização do modo de produção, ou seja, como ela age para fixar a ordem social correspondente a esse modelo produtivo. Em outras palavras, ela poderá esclarecer como a violência da coerção primordial se consolida numa relação de autoridade, socialmente abrandada, e porque tais estruturas culturais se mantêm mesmo quando as condições materiais já permitem um novo modelo produtivo. O autor mostra que a cultura surge de uma necessidade econômica, mas se integra de tal forma à vida social que nem a mudança econômica é capaz de abalar essa tradição²¹³. Tem-se então o que ele chama de *cultural lag*, atraso cultural: “(...) a entrada de um novo modo de produção costuma ser travada em primeiro lugar por fatores culturais que estão ligados ao antigo, de modo que ela é precedida de

²¹⁰ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 178.

²¹¹ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 181.

²¹² HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 180.

²¹³ Como exemplo, o autor cita o culto aos antepassados na China e o sistema de castas na Índia, enraizados de tal forma que mesmo as camadas dominadas, que sofrem, sofreriam ainda mais com uma mudança repentina, às quais poderiam reagir com “raiva e fanatismo”. HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 185-189.

algumas lutas no campo intelectual”²¹⁴. Os “comportamentos condicionados” dos homens de uma “determinada época e classe” persistem porque “o abandono de uma velha estrutura de vida, a transição para uma nova, especialmente se esta requer uma crescente atuação racional, exige força e coragem, em suma um grande esforço psíquico”²¹⁵.

Este final da primeira parte de *Autoridade e família* mostra que o ensaio é importante não apenas por explicitar a incorporação da psicanálise ao materialismo, mas porque esclarece também sua motivação: o *cultural lag*²¹⁶ expõe o fato de que a mudança na economia não é suficiente para alterar a estrutura social. Desta forma, como vimos, ela (a “entrada de um novo modo de produção”) “é precedida de algumas lutas no campo intelectual”²¹⁷. Ou seja, *antes* de buscar a transformação da base material é preciso atuar na esfera cultural. Esse atraso explica porque o proletariado alemão dos anos 1930 se mostrava estagnado e incapaz de perceber sozinho que a modificação das condições materiais já era possível. Para piorar, como já vimos, o nazismo se impunha como autoridade tanto na esfera cultural quanto na econômica. A resistência proposta por Horkheimer parte de uma leitura da própria realidade e a ela responde: se naquele momento as possibilidades de revolução estavam fechadas e o proletariado não podia reagir, e para impedir o avanço do irracionalismo nazista, era preciso abrir o horizonte crítico no campo intelectual. Assim, a teoria materialista, a quem competia essa abertura, não poderia mais ter no centro a economia (que se apresentava impenetrável). Para resistir, era imprescindível um arranjo novo disciplinar, capaz de incorporar a psicanálise não como área de conhecimento auxiliar, mas também com um papel de relevância. Trata-se de uma grande mudança em relação ao materialismo interdisciplinar do começo da década.

Abrir o horizonte para a crítica era o que Horkheimer propunha na segunda parte do ensaio geral. Neste trecho, o autor reflete sobre a autoridade – embora tivesse especial relevância naquela conjuntura, “pela transição para as chamadas formas

²¹⁴ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 189.

²¹⁵ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 190-191.

²¹⁶ O descompasso entre a base material e a superestrutura ideológica terá outro exemplo na terceira parte do texto: quando discorre sobre o papel da família como responsável pela manutenção e reprodução do mecanismo socioeconômico da autoridade, Horkheimer argumenta que a liderança paterna decorre de sua força física e moral, mas também de sua posição como provedor material. No entanto, esta posição se solidifica (ou se naturaliza) de tal forma que poderá se manter mesmo se ele perder a capacidade de prover a família: “Os poderes psíquicos e físicos que procederam do econômico demonstram, então, sua capacidade de resistência”, mesmo tendo se originado da “base material da sociedade”. HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 232.

²¹⁷ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 189.

autoritárias de governo no período contemporâneo”²¹⁸, o tema esteve presente em toda a história, diz o autor, porque como a divisão do trabalho entre trabalhadores e comandantes sempre existiu, a autoridade sempre se fez presente nas relações humanas.

No entanto, a autoridade não é, em si, um problema; a questão é *para quem* (e para quem) se dirige a autoridade. Ela pode estar voltada a interesses particulares (como aconteceu durante toda a história, e mais ainda no período burguês, o que significa a sua sustentação artificial e a dominação de muitos por poucos) ou a interesses coletivos (e neste caso ela resulta no avanço social e material da humanidade)²¹⁹. Os filósofos burgueses, cita como exemplo o autor, não perceberam essa dimensão do tema da autoridade. Eles lutaram com a autoridade da tradição medieval, opondo-lhe a razão, mas acabaram por fazer da razão uma autoridade. A divisão do trabalho entre os que mandam e os miseráveis que obedecem não deixou de existir, apenas trocou sua justificativa. Horkheimer observa que o indivíduo é o conceito fundamental da filosofia moderna: de acordo com pensadores como Leibniz, por exemplo, o indivíduo “isolado e perfeito em si”, apartado das relações sociais, “seria capaz de tudo” caso se abolissem as “antigas autoridades”²²⁰. O resultado não foi este, porém:

a libertação, para a maioria dos atingidos, significava em primeiro lugar que eles foram abandonados ao terrível mecanismo de exploração das manufaturas. O indivíduo entregue a si mesmo se via diante de uma força alheia à qual ele tinha de conformar-se. Segundo a teoria, ele não deveria reconhecer como obrigatório para si o julgamento de alguma instância humana sem exame racional; no entanto, em contrapartida, ele agora se encontrava só no mundo e tinha que sujeitar-se se não quisesse perecer. As próprias condições se tornaram autoritárias.²²¹

Assim, o que se faz presente para os trabalhadores é apenas uma *aparência* de liberdade (que resulta do opaco processo de produção e fundamenta a recusa filosófica da autoridade). Na verdade, eles não podem escolher livremente e devem se sujeitar à realidade cruel e opressora do trabalho. O contrato que parece igualar patrões e empregados se coloca como “instância insuperável, a ser pura e simplesmente

²¹⁸ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 191.

²¹⁹ Nas palavras do autor, “a autoridade como dependência aceita pode significar tanto condições progressistas, favoráveis ao desenvolvimento das forças humanas, correspondentes ao interesse dos participantes, quanto um conjunto de relações e ideias sociais sustentadas artificialmente e há muito falseadas que contrariam os interesses reais da comunidade. Baseia-se na autoridade tanto a submissão cega e servil, que subjetivamente resulta de indolência psíquica e incapacidade de tomar uma decisão própria e objetivamente contribui para a continuação de condições limitadoras e indignas, quanto a disciplina consciente de trabalho em uma sociedade em ascensão”. No primeiro caso, a autoridade está voltada para interesses particulares e resulta na manutenção da dominação; no segundo, se volta para o interesse coletivo e resulta na organização racional da sociedade, ou seja, na emancipação dos homens. HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 193.

²²⁰ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 199.

²²¹ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 199.

respeitada”²²², mas na realidade mascara a autoridade e esconde as diferentes condições em que esse acordo se dá:

O trabalhador é pobre e tem contra si toda a concorrência de sua própria classe, na escala nacional e na internacional. Atrás de cada indivíduo estão a fome e a miséria. Seu parceiro de contrato, ao contrário, dispõe não só de meios de produção, de visão, de influência sobre o governo e de todas as possibilidades da propaganda, mas também de crédito. Esta diferença entre rico e pobre é condicionada socialmente, imposta e mantida pelos homens e mesmo assim apresenta-se como se fosse necessária por natureza, como se os homens em nada pudessem modificá-la.²²³

Sua aparente liberdade é apenas uma cortina para ocultar a autoridade do patrão, a dominação que este lhe impõe.

Porém, mesmo o grande capitalista da época, o monopolista, não é livre. O valor de seu trabalho depende do mercado, e desta forma é também dependente de forças que contêm elementos irracionais – e, para Horkheimer, se no período do liberalismo era até possível entender o mecanismo dessas forças, isso deixa de ser verdade na conjuntura dos anos 1930, caracterizada não mais pela concorrência de “vidas independentes”, mas pela “luta de gigantescos trustes monopolistas” que mobilizam “nações inteiras para conflitos violentos”²²⁴. Estes dirigentes monopolistas, afirma o autor, parecem gênios para os pequenos empresários porque conseguem se desenvolver em meio às incertezas de então. A autoridade dos monopolistas, por seu turno, se baseia na truculência, e tal violência é tomada pelos pequenos como ação necessária e natural, uma vez que eles não conseguem compreender a complexa realidade social²²⁵. O autor observa que a autoridade do monopolista, sua pretensa liberdade, esconde, na realidade,

a assimilação a uma condição social na qual a humanidade não tomou em mãos o seu destino; a sujeição a um evento cego em vez de seu ordenamento racional; a dependência de uma condição irracional da sociedade que é preciso explorar em vez de plasmá-la em sua totalidade.²²⁶

É assim que o “cego mecanismo econômico”²²⁷ da burguesia monopolista expressa, no estado totalitário, uma falsa harmonia interna. A política totalitária, de acordo com

²²² HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 205. A insuperabilidade deste contrato se assemelha à do contrato hobbesiano que funda o estado. Ver Cap. 2, seção 2.1 (p. 17) desta dissertação.

²²³ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 205.

²²⁴ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 201.

²²⁵ “Sob o regime econômico atual, a sociedade parece tão cega quanto a natureza inconsciente; pois os homens regulam o processo através do qual ganham a vida na coletividade social, não por deliberações e decisões coletivas, mas a produção e distribuição de todos os bens se processa por inúmeros atos e discussões não-coordenados de grupos e indivíduos”. HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 201.

²²⁶ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 201.

²²⁷ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 201.

Horkheimer, acentua as diferenças externas (entre os diferentes povos e países) e oculta as internas (diferenças de classe)²²⁸.

Para o autor, essa nova autoridade presente no totalitarismo, que engana dominadores e dominados sob a aparência ideológica e filosófica da liberdade, só é possível porque a autoridade burguesa ainda não deixou de existir. Já vimos como o mecanismo econômico gera uma contradição no homem individualista, seu produto: ao mesmo tempo em que se acha livre, o indivíduo no modo de produção capitalista é determinado pelo mecanismo econômico que ele considera natural, insuperável (de acordo com a visão horkheimeriana, trata-se de um fato social reconhecido como fato natural²²⁹); assim, é incapaz de mudar a realidade ou mesmo de lhe lançar um olhar crítico. As pessoas não percebem que “podem regular e dirigir o processo social de trabalho e, com isso, as relações humanas em geral de forma racional, isto é, de acordo com um plano uniforme no interesse da comunidade”²³⁰. Mas é possível mudar tal situação (que afinal é histórica), argumenta Horkheimer, “com a negação da efetiva relação de dependência na economia, com o recuo para a necessidade econômica aparentemente incondicional através de conhecimento teórico”²³¹.

Vemos que Horkheimer ressalta aqui algo que já havia pontuado na parte anterior de *Autoridade e família*: como a conjuntura material se mostrava cada vez mais forte, sem fissuras aparentes, só restava agir no campo intelectual para tentar forçar a mudança da base material. Além disso, dado o grau de opacidade da conjuntura, a economia se mostrava cada vez mais insuficiente para vislumbrar alternativas à sociedade. Para pensar criticamente, isto é, para ver além da realidade, para ir além “do modo de pensar vigente”, é necessária “grande força psíquica”²³². Desta forma será possível direcionar corretamente a autoridade existente no processo do trabalho, diz o autor. Não se trata de bani-la, como pretendem os anarquistas, nem de manter isolados os diferentes conhecimentos necessários à produção, sem que se tenha a percepção do

²²⁸ A ideia de harmonia, para Horkheimer, pertence à fase liberalista do modo de produção capitalista, como ele afirmara em *Materialismo e metafísica* (HORKHEIMER, MAX. *Materialismo e metafísica*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 33). Ela se mantém, embora se expresse de outra maneira, na fase monopolista: “A fase monopolística continua negando as contradições entre as classes; mas a luta pelo mercado mundial entre poucos grupos influentes se converte no tema principal da época de tal maneira que, doravante, em vez da concordância entre as existências individuais, aparecem como categorias histórico-filosóficas centrais conceitos como trágico, heroísmo e destino” (HORKHEIMER, Max. *Materialismo e metafísica*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 33). De fato, as noções de trágico, heroísmo e destino eram muito presentes na propaganda nazista.

²²⁹ Conforme HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 209.

²³⁰ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 209.

²³¹ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 207-208.

²³² HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 212.

todo. Horkheimer defende que o processo do trabalho precisa de saberes diferentes, por isso não se pode deixar de separar as funções de direção e de execução. Mas essa autoridade não deve se basear na exploração e no interesse de poucos, não deve se reportar a “classes sociais fixas”, como ocorre na sociedade individualista burguesa. A autoridade pode assumir outro significado quando a direção e a execução laborais estão voltadas, no trabalho racionalmente organizado, ao interesse coletivo e à necessidade de todos:

Na disciplina do seu trabalho, eles [os homens livres] se subordinam, de fato, a uma autoridade, mas esta mesma cuida apenas dos seus próprios planos levados à decisão, que decerto não são fruto de interesses de classes divergentes. Ao contrário, esses perderam sua base e passam a se integrar ao esforço comum.²³³

A terceira parte de *Autoridade e família* diz respeito à família – que, nos lembra Jay, fazia a mediação entre a “subestrutura material e a superestrutura ideológica”²³⁴. De fato, é assim que Horkheimer trata da questão: a família tem a tarefa “de educar para o comportamento autoritário na sociedade”²³⁵ e sua influência é primordial para a formação psíquica dos indivíduos:

A família cuida, como uma das componentes educativas mais importantes, da reprodução dos caracteres humanos tal como os exige a vida social, e lhes empresta em grande parte a aptidão imprescindível para o comportamento especificamente autoritário do qual depende amplamente a sobrevivência da sociedade burguesa.²³⁶

Ele explica que a família burguesa se apoiava na autoridade do pai, na sua força moral e física. Mas esta autoridade se originava também da posição paterna no sistema produtivo: todos os familiares dependiam de seu dinheiro, portanto, sua força também era material. E como os burgueses não observam os valores de bens materiais e espirituais como resultados do processo social, mas de “qualidades naturais dos objetos”²³⁷, tem-se que a autoridade é objetiva, logo, uma qualidade natural daquele que a detém. Decorre disso que a posição familiar do pai é aparentemente inquestionável, e cabe aos familiares adaptar-se a ela: assim, os filhos são educados para não questionar o sistema econômico, mas para aceitá-lo e se moldar a ele:

Graças à divisão espaço-temporal entre vida profissional e familiar, todo pai burguês, mesmo que na vida social ocupe uma posição mesquinha e tenha de curvar o espinhaço, pode agora aparecer em casa como senhor e exercer a função sumamente importante de acostumar os filhos à humildade e

²³³ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 213.

²³⁴ JAY, Martin. Op. cit., p. 172.

²³⁵ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 214.

²³⁶ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 214.

²³⁷ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 217.

obediência. Assim, é possível que, não só das camadas de alta burguesia, mas também de muitos grupos de trabalhadores e empregado, surjam sempre novas gerações que não questionem a estrutura do sistema econômico e social, mas o aceitem como natural e eterno e deixem ainda que seu descontentamento e rebelião se transformem em forças executantes da ordem vigente.²³⁸

De fato, pouco mais à frente, Horkheimer diz que a vida psíquica da família patriarcal gira em torno dos conceitos de ordem e subordinação²³⁹. No entanto, ele observava que a função familiar de educação (para a autoridade e para a inquestionável submissão) estava sendo ocupada por outras instâncias educativas do Estado (notadamente as autoritárias) ao mesmo tempo em que crescia a grande indústria e o desemprego. Assim, se a posição paterna era colocada em risco, o Estado não se opunha à família, mas tomava para si a tarefa de assegurar a transmissão da estrutura autoritária às próximas gerações²⁴⁰. Não podemos deixar de registrar aqui a relação entre o texto e realidade de então, ou seja, às tentativas do nazismo (obcecado pela ideia de ordem e submissão hierárquica à autoridade) de abarcar a totalidade da vida social.

No entanto, observando a família por meio de uma interpretação dialética, podemos concebê-la não somente como uma entidade capaz de fortalecer a estrutura social autoritária, mas também de se opor a ela: se na vida pública, observa o autor, as relações se dão por meio do mercado e da concorrência entre os indivíduos, na família o homem “sempre teve a possibilidade de atuar não só como função, mas também como pessoa”²⁴¹. As relações pessoais familiares se baseiam também como *um refúgio* à vida social da burguesia, logo, atuam também como *resistência* a ela (por exemplo, no amor sexual e no carinho materno): “Nesta unidade o propósito é o desenvolvimento e a felicidade do outro. Resulta daí o contraste entre ele e a realidade hostil e, nesse caso, a família leva não à autoridade burguesa, mas à ideia de uma condição humana melhor”²⁴². Temos então duas noções opostas de família: a patriarcal, baseada na força e na reprodução das situações concorrenciais do mercado, que afasta os indivíduos e só mantém a coesão por meio de meros interesses e de relações de autoridade, e a matriarcal, que não se orienta pela vida econômica e se fundamenta nas relações de carinho entre os membros da família, ou seja, na aproximação desinteressada entre eles. Nesse sentido, como já observamos anteriormente, a família, “por força das relações

²³⁸ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 221.

²³⁹ Conforme HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 221.

²⁴⁰ Conforme HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 225.

²⁴¹ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 225.

²⁴² HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 226.

humanas determinadas pela mulher, constitui um reservatório de forças de resistência contra a total desumanização do mundo e contém em si mesma um elemento antiautoritário”²⁴³. Ao invés, porém, de bancar essa posição e assumir essa resistência, a mulher aceita a submissão patriarcal e fortalece a manutenção e reprodução da estrutura socioeconômica autoritária.

Desta forma, a família patriarcal conserva sua potência mesmo com a decadência material do pai²⁴⁴, mesmo quando “a grande indústria destrói o lar aconchegante”²⁴⁵. É claro que o sofrimento poderia unir a família e reforçar os laços de comunidade e amor, quer dizer, poderia levar à consolidação de outro tipo de família, progressista, avalia Horkheimer. Ele alertava, porém, que não era isso o que ocorria: o desemprego e o desespero levavam à “desmoralização total”, à “submissão a qualquer amo”²⁴⁶. Se no auge do período burguês “havia fecunda interação entre a família e a sociedade”²⁴⁷, nos moldes que acabamos de explicar, na época do capitalismo monopolista o amo era o Estado autoritário. As condições materiais retiram da família sua função específica, e caberia ao Estado totalitário ocupar-se da educação para a autoridade. Para Horkheimer, este movimento decorre da “tendência originária da própria economia para a dissolução de todos os valores e instituições culturais que a burguesia criou e manteve vivos”²⁴⁸. O que ele quer dizer com isto, finalizando não só a terceira parte como todo o ensaio *Autoridade e família* é: a nova etapa do modo de produção capitalista (o monopolismo, do qual decorrem os Estados totalitários como o nazismo) está se impondo e acabando com os resquícios econômicos e culturais da etapa anterior (o liberalismo). No entanto, como vimos, os elementos da burguesia (tanto os econômicos quanto os culturais, como a autoridade e a família) são dialéticos e, se por um lado podem ser dirigidos para a submissão e a ordem (uma sociedade fundada numa racionalidade hierárquica), podem também ser orientados para a emancipação (uma sociedade que se baseia numa racionalidade livre, crítica). Veremos no próximo capítulo de que maneira Horkheimer consolida teoricamente essa nova concepção de resistência.

²⁴³ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 229.

²⁴⁴ Ver nota 216.

²⁴⁵ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 233.

²⁴⁶ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 233.

²⁴⁷ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 235.

²⁴⁸ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 235.

4 A TEORIA CRÍTICA COMO RESISTÊNCIA TRANSDISCIPLINAR

Os anos 1930 foram se tornando um período assustador para os alemães de esquerda. A decadência burguesa, que poderia abrir espaço para um período de liberdade na história humana, desaguava em uma sociedade ainda mais autoritária que aquela. O proletariado se ajustava ao nazismo, sem lhe apresentar oposição. A catástrofe da guerra se aproximava; o exílio obrigava um intelectual marxista, como Horkheimer, a viver no centro do capitalismo e a conviver com uma comunidade científica de tradição positivista e pragmatista²⁴⁹. Nem mesmo o materialismo interdisciplinar, centrado na economia, poderia dar conta de resistir ao contexto. *Autoridade e família*, como afirmamos, expressa o momento em que Horkheimer supera o modelo interdisciplinar do início da década; *Teoria tradicional e teoria crítica* expressa o momento em que ele consolida e esclarece o novo modelo de resistência intelectual. Temos, agora, que explicitar esse novo modelo. Começaremos apresentando as concepções de “teoria tradicional” e “teoria crítica” presentes no ensaio seminal de 1937. Faremos uma divisão meramente formal, de modo a facilitar a compreensão dos dois termos – uma vez que, pelo menos no que se refere à “teoria crítica”, o próprio autor não faz uma apresentação metódica (escolha que tem a ver com a própria crítica horkheimeriana ao modelo tradicional de ciência).

4.1 – Teoria tradicional: a “tese”

Em *Teoria tradicional e teoria crítica*, Horkheimer não se preocupa em fazer uma caracterização detalhada da teoria tradicional. Seu interesse é apresentar com profundidade a teoria crítica, e a tradicional aparece apenas para esclarecer o contraponto entre as duas concepções. Por isso, vamos iniciar as considerações sobre o pensamento tradicional com uma passagem do curto texto *Filosofia e teoria crítica*, em que o autor responde a críticas efetuadas ao ensaio anterior e onde o termo aparece com mais objetividade:

A teoria em sentido tradicional, cartesiano, como a que se encontra em vigor em todas as ciências especializadas, organiza a experiência à base da formulação de questões que surgem em conexão com a reprodução da vida dentro da sociedade atual. Os sistemas das disciplinas contêm os conhecimentos de tal forma que, sob circunstâncias dadas, são aplicáveis ao maior número possível de ocasiões. A gênese social dos problemas, as

²⁴⁹ Sobre a crítica horkheimeriana à tradição pragmatista que encontrou nos Estados Unidos, ver JAY, Martin. Op. cit., p. 129-130.

situações reais, nas quais a ciência é empregada e os fins perseguidos em sua aplicação, são por ela mesma considerados exteriores.²⁵⁰

Este é o método de conhecimento “fundamentado no *Discurso do método*”, que se opõe àquele baseado “na crítica da economia política”²⁵¹. Mas a ideia de que é preciso uma concepção de ciência oposta à tradicional não é uma novidade para Horkheimer: desde 1932 ele já se referia a uma crise da ciência e discutia o papel da teoria tradicional. A primeira frase do ensaio *Observações sobre ciência e crise* resume: “Na teoria marxista da sociedade, a ciência está incluída entre as forças humanas produtivas”²⁵². Se a economia estava em crise, portanto, a ciência também estava²⁵³; e as causas da crise, dizia ele, eram projetadas exatamente naquelas forças capazes de reorganizar a sociedade humana, como o pensamento racional e científico. Com o argumento de que a razão não seria “necessária profissionalmente à indústria”²⁵⁴, afirma o autor, retirava-se do indivíduo a capacidade de avaliar o todo social e de promover mudanças estruturais:

Mediante a teoria de que a razão é apenas um instrumento útil para os fins da vida diária, que deve emudecer, entretanto, frente aos grandes problemas e ceder lugar às formas mais substanciais da alma, estamos nos desviando de uma preocupação teórica com a sociedade como um todo.²⁵⁵

É certo que há problemas com a ciência, mais precisamente com a concepção científica tradicional, mas Horkheimer considera que eles tinham outra origem: o “estrangulamento de sua racionalidade, condicionado pelo endurecimento das condições humanas”²⁵⁶. Ele argumenta, como já vimos no segundo capítulo, que o modelo tradicional de teoria possuía uma tendência libertária, quando se opunha aos obstáculos escolásticos de pesquisa; tal tendência, porém, fora perdendo seu sentido progressista e se transformou em barreira para a ciência: “Na medida em que o interesse por uma

²⁵⁰ HORKHEIMER, Max. *Filosofia e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983. P. 155.

²⁵¹ HORKHEIMER, Max. *Filosofia e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 155.

²⁵² HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 7.

²⁵³ “Na crise econômica geral, a ciência aparece como um dos múltiplos elementos da riqueza social que não cumprem seu destino”, aponta Horkheimer na P. 8. E, mais à frente: “A sociedade, na sua forma hodierna, mostra-se incapaz de fazer uso real das forças que se desenvolveram dentro dela, e da riqueza produzida no seu âmbito”. HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 8.

²⁵⁴ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 8.

²⁵⁵ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 8.

²⁵⁶ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 8.

sociedade melhor” foi “substituído pelo empenho em consolidar *a eternidade do presente*, um elemento obstrutivo e desorganizador se apoderou da ciência”²⁵⁷.

Fica clara aqui qual é, para Horkheimer, a consequência do pensamento científico tradicional: eternizar o presente significa retirar do homem sua capacidade de ação, inviabilizando a construção de uma sociedade diferente. Deste modo, a ciência tradicional é capaz de encontrar aplicações para a indústria, mas não tem como responder ao processo social global. Voltada sempre para uma aplicação (direcionada, portanto, para um único e determinado fim), a teoria tradicional encobre as outras direções e fins possíveis, isto é, oculta a possibilidade de transformação – de *ser de outro modo*. É um método, diz ele, orientado para o “ser”, e não para o “vir-a-ser”²⁵⁸.

Mas a realidade social, o desenvolvimento dos homens historicamente atuantes, contém uma estrutura cuja compreensão requer a imagem teórica de decorrências radicalmente transformadoras e revolucionadoras de todas as condições culturais, estrutura que de modo nenhum pode ser dominada pelo procedimento das ciências naturais mais antigas, orientadas para o registro de ocorrências repetidas.²⁵⁹

Como a emancipação humana não pode ser atingida pela ciência tradicional (uma vez que o apelo desta à utilidade e aplicação em campos específicos levou a um isolamento destas áreas e à impossibilidade de considerar a organização social como uma totalidade em que as diferentes áreas de saber se relacionam entre si), é preciso encontrar um caminho científico que possa abarcar os problemas sociais e não esteja voltado apenas para o desenvolvimento tecnológico. Horkheimer pondera que as falhas da ciência não se originam propriamente dela, mas das “condições sociais que impedem o seu desenvolvimento e que acabaram conflitando com os elementos racionais imanentes à ciência”²⁶⁰. Em 1932, porém, este quadro não pode ser alterado apenas pelo “mero conhecimento teórico”, mas “tão-somente pela alteração das suas condições reais na práxis histórica”²⁶¹; porém, como já afirmamos, ao longo da década a realidade foi estrangulada de tal maneira pelo avanço do capitalismo monopolista que em 1937, para Horkheimer, o caminho para a instauração da sociedade livre dependerá primordialmente da reflexão teórica (embora ela se mantenha sempre em relação com a prática²⁶²). A teoria crítica ocupará o lugar que era da “teoria marxista da sociedade”,

²⁵⁷ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 9.

²⁵⁸ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 9.

²⁵⁹ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 9.

²⁶⁰ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 9.

²⁶¹ HORKHEIMER, Max. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 11.

²⁶² “Embora a importância da ação política nunca viesse a ser negada, a teoria crítica passou a ter de se dedicar exclusivamente ao exame da realidade social e cultural”, enfatiza JAY, Martin. Op. cit., p. 126.

como destacamos acima. A concepção de teoria que poderia levar à emancipação deveria ser capaz de ultrapassar o simples manejo instrumental da ciência, relacionando-a à totalidade da vida social. “O sentido correto de juízos isolados sobre coisas humanas só é obtido na sua relação com o todo”²⁶³: tal noção está presente em 1932 e se mantém na concepção de 1937; no entanto, como veremos, no início da década se tratava de um arranjo interdisciplinar que mantinha as análises dentro dos campos específicos, orientados pela economia, e no final da década, os temas e conceitos deveriam sair dos limites das áreas específicas (o que permitiria um diálogo transdisciplinar voltado à emancipação humana).

De qualquer modo, a concepção tradicional de teoria já estava delineada por Horkheimer desde 1932 (e mesmo antes: trata-se de uma herança positivista, contra a qual ele já se insurgia na década de 1920, como vimos no primeiro capítulo). Talvez seja por isso que uma apresentação mais objetiva deste modelo de ciência e pensamento ocupe pouco espaço em *Teoria tradicional e teoria crítica*. O autor a define logo no primeiro parágrafo do ensaio: “Teoria é o saber acumulado de tal forma que permita ser este utilizado na caracterização dos fatos tão minuciosamente como possível”.²⁶⁴ Trata-se, portanto, de catalogar dados e articulá-los entre si de maneira a formar um campo determinado de saberes, especializado.

A validade destes saberes, prossegue o autor, se verifica por meio de testes, ou seja, de comparações com a realidade: quando o experimento se mostra de acordo com os dados, eles estão corretos; caso contrário, mudam-se os dados ou o modo de efetuar a experiência. A origem dos dados não tem relevância para este modelo científico, pondera Horkheimer. Não importa se eles surgem da pesquisa empírica, como faziam os ingleses, ou de “princípios abstratos e ponderações sobre conceitos fundamentais”²⁶⁵, como os alemães, porque o modo de lidar com eles é o mesmo:

Tem-se sempre, de um lado, o saber formulado intelectualmente e, de outro, um fato concreto (Sachverhalt) que deve ser subsumido por esse saber subsumir, isto é, este estabelecer a relação entre a mera percepção ou constatação do fato concreto e a ordem conceitual do nosso saber chama-se explicação teórica.²⁶⁶

Este sistema não está vinculado a um campo específico, mas é um modo de fazer ciência que se estende a todos eles, afirma o autor. Ele explica que tal concepção

²⁶³ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1975. P. 162.

²⁶⁴ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 125.

²⁶⁵ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 127.

²⁶⁶ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 128.

científica surgiu com Descartes, que pretendia ampliar o método de dedução matemática a todas as ciências – partindo sempre do conhecimento mais simples para o mais complexo, com o objetivo de organizar a realidade numa conexão de deduções intelectuais. Ou seja, com a intenção de traduzir o mundo existente para uma ordem do pensamento; em outras palavras, permite *conhecer* o mundo. O método cartesiano foi utilizado nas ciências naturais com sucesso, observa Horkheimer, e do desenvolvimento delas decorreu a tentativa de utilizar o mesmo modelo nas ciências do homem e da sociedade – que buscavam, então, consolidar-se. Há uma “identidade na concepção de teoria entre as diferentes escolas sociológicas e entre estas e as ciências naturais”, diz o autor²⁶⁷.

Mas, para Horkheimer, esta concepção tradicional não pode ser adotada pelas ciências sociais. Como ele já explicou anteriormente, na concepção de teoria tradicional o cientista relaciona o fato (realidade) à ordem do pensamento (teoria). É certo para ele que a harmonia entre fato e pensamento fundamentou os avanços técnicos na época burguesa; mas um desenvolvimento tão grande mostra que esta relação vai além da própria esfera científica, de maneira que o processo científico não pode ser entendido apenas em si. Ele deve ser considerado “em conexão com os processos sociais reais”²⁶⁸; não são apenas elementos lógicos ou metodológicos que causam mudanças nas teorias, mas também os processos sociais. Isto significa que, ainda que o cientista (tradicional) considere que alterações se dão apenas por motivos científicos, a mudança ocorre também porque o contexto histórico se transforma. O exemplo de Horkheimer é o sistema copernicano: superando as dificuldades da astronomia então em vigor, ele foi adotado não apenas porque era mais adequado do ponto de vista lógico, mas também porque fazia parte de um novo processo social (em que o pensamento mecânico dominava).

Conclui-se assim que o funcionamento da ciência não é autônomo, como avaliam os cientistas tradicionais. A ciência faz parte da sociedade; a configuração social é burguesa, calcada na divisão do trabalho; logo, a ciência segue esta lógica que aparta, delimita o campo de atuação das esferas que compõem a sociedade e impede uma visão mais global da realidade. A atividade científica “é executada ao lado de todas as outras atividades sociais, sem que a conexão entre as atividades individuais se torne

²⁶⁷ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 127.

²⁶⁸ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 129.

imediatamente transparente”²⁶⁹. O aparente isolamento das esferas produtivas, então, esconde o fato de que a realidade expressa um mecanismo que alcança o todo social; logo, a representação tradicional de teoria não pode apresentar sua verdadeira função, mas apenas seu significado como “esfera isolada” e sob determinadas “condições históricas”²⁷⁰. Não se pode ver o mecanismo social que, construído a partir do modo de produção em vigor, relaciona os diferentes campos profissionais ao mesmo tempo em que os delimita a sua esfera própria de atuação. É o que ocorre com a ciência burguesa: seu aparente isolamento tem como consequência a parcialidade. Ela só pode enxergar dentro de seu campo de atuação e portanto está impossibilitada de avaliar a totalidade social.

4.2 – Teoria crítica: a “antítese”

É preciso contrapor um outro modelo de ciência a esta concepção alienante. Sabemos qual é, para Horkheimer, este modelo: a teoria materialista²⁷¹. No texto de 1932, o autor não detalha esta concepção de pensamento – porque as condições da época ainda não o tinham levado a desenvolver respostas além do materialismo hegeliano de Marx. Em 1937, porém, Horkheimer trata essa teoria oposta à tradicional com mais densidade. Assim como fizera com a teoria tradicional, é em *Filosofia e teoria crítica* que ele caracteriza objetivamente a teoria crítica:

A teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida. As situações efetivas, nas quais a ciência se baseia, não é para ela uma coisa dada, cujo único problema estaria na mera constatação e previsão segundo leis da probabilidade. O que é dado não depende apenas da natureza, mas também do poder do homem sobre ela. Os objetos e a espécie da percepção, a formulação de questões e o sentido da resposta dão provas da atividade humana e do grau de seu poder.²⁷²

Podemos dizer que, se há uma identidade na teoria crítica, ela reside justamente em seu caráter não-identitário com a teoria tradicional, e é desta maneira que Horkheimer apresenta a teoria crítica em *Teoria tradicional e teoria crítica*. Neste ensaio, os dois modelos são explicitados em sua relação, vivos, e não tanto como conceitos fixos: o autor se distancia desta maneira de explicação metódica, que é utilizada pelo pensamento tradicional e que ele critica.

²⁶⁹ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 131.

²⁷⁰ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 131.

²⁷¹ Ou a “teoria econômica da sociedade”, como em *Materialismo e metafísica* (HORKHEIMER Max, *Materialismo e metafísica*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 58), de 1933.

²⁷² HORKHEIMER, Max. *Filosofia e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Op. cit., p. 155.

Assim, após a breve consideração mais concentrada na teoria tradicional, Horkheimer passa a tratar de sua concepção oposta, a teoria crítica. Quando começa a discuti-la, o autor a caracteriza como um “comportamento humano”²⁷³ cujo objeto é a sociedade. Explicita, assim, a diferença primordial entre as teorias tradicional e crítica: o objetivo desta é o todo social, e não o mero desenvolvimento técnico de um campo de saber; logo, ela não se limita às bordas das ciências particulares, mas utiliza seus saberes e conceitos para além delas. A teoria crítica não pretende apenas “remediar quaisquer inconvenientes”²⁷⁴ do sistema, como quer a tradicional: podemos inferir daí que, para a teoria crítica, a ordem social vigente deve ser *criticamente avaliada*, e não simplesmente aceita. A teoria crítica está intimamente ligada à ideia de *resistência*.

Aceitar a existência, argumenta o autor, tem como consequência a separação entre indivíduo e sociedade. O indivíduo, ao acolher a realidade e considerar como natural o seu papel dentro da sociedade burguesa, assume a possibilidade de agir apenas de modo parcial; encerrado em uma esfera de atuação específica, ele perde a possibilidade de enxergar e de atuar sobre a totalidade social. Mas a teoria crítica, para Horkheimer, supera essa cisão entre indivíduo e sociedade: o sujeito crítico é capaz de enxergar essa separação contraditória porque considera a totalidade do existente. Ir além da perspectiva parcial do cientista tradicional permite constatar que “o modo de economia vigente e o todo cultural nele baseado”²⁷⁵ (isto é, a base material e a superestrutura ideológica da sociedade burguesa) são “produto do trabalho humano” – ou seja, que a realidade originada da “cega atuação conjunta das atividades isoladas”²⁷⁶ (a impressão de que as esferas da sociedade funcionam de maneira autônoma) não é necessária nem natural, mas fruto da ação humana (neste caso, da própria concepção tradicional de teoria). A perspectiva crítica, portanto, não se dá apenas no campo teórico: ela é abertura para a construção de uma existência diferente da presente.

A capacidade de ação do homem está, desta forma, intimamente ligada à divisão básica entre as teorias tradicional e crítica. No modelo teórico tradicional, diz Horkheimer, a realidade é exterior ao trabalho científico (a ciência é considerada separada da realidade, sem relacionamento com as outras esferas da sociedade); como resultado disso, são exteriores à ciência tanto “a gênese dos fatos concretos determinados” quanto “a aplicação prática dos sistemas de conceitos, pelos quais estes

²⁷³ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Op. cit., p. 138.

²⁷⁴ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 138.

²⁷⁵ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 138.

²⁷⁶ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 138.

fatos são apreendidos”²⁷⁷. Disto resulta, ressalta o autor, uma separação alienada entre saber e agir, que preserva o cientista das contradições apontadas anteriormente entre indivíduo e sociedade na sociedade burguesa ao mantê-lo dentro dos limites estritos da sua área de atuação, a ciência. E também fortalece o entendimento de que o modelo científico que ultrapassa as bordas deste campo, misturando-se a outras esferas, é apenas “divertimento intelectual desorientado”, parte “poesia racional” e parte “expressão impotente de estados de espírito”²⁷⁸.

Mas a teoria crítica, que aos poucos vamos compreendendo como uma antítese da tradicional, apresenta resultados opostos. Horkheimer argumenta que, se o pensamento tradicional se distancia daquilo que condiciona fatos sociais e teorias (o cientista os considera como dados da realidade, algo externo, sobre o que não pode dizer nada), no pensamento crítico tal investigação sobre as origens de fatos sociais e teorias é possível. Isto porque os fatos sociais são fruto da ação humana: são *produtos* do homem, não meros acontecimentos ao acaso ou naturais. Além disso, prossegue, se no pensamento tradicional o cientista separa a realidade social de sua atuação profissional – uma coisa são os resultados que produz, outra sua participação como agente social –, no pensamento crítico ocorre justamente o contrário. Trata-se de uma tentativa de acabar com o descolamento entre indivíduo e sociedade, mostrando que é a divisão do trabalho que determina a organização social, e portanto a ação profissional é também um modo de agir socialmente.

A dimensão prática da teoria crítica não pode portanto ser separada da dimensão teórica. A teoria crítica, defende Horkheimer, não é idealista. O pensamento não é isolado na sociedade como querem fazer crer: ele não lida com “absolutos”²⁷⁹, mas com a realidade, que é determinada pelas relações materiais de produção. Assim, a teoria crítica se baseia na experiência, na percepção (consciência) da oposição entre os que desfrutam e os que não têm acesso ao excedente material – contradição básica da existência dos homens que se desvela no processo histórico, conflito cujo resultado poderia ser o avanço do desenvolvimento técnico e sua incorporação pelas camadas despossuídas, mas que acabou se transformando em “esterilidade e inibição”²⁸⁰.

²⁷⁷ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 139.

²⁷⁸ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 139.

²⁷⁹ “(...) a teoria crítica é incompatível com a crença idealista de que ela própria representaria algo que transcende os homens” (HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 160): ela não trata de conceitos fixos, de verdades determinadas ou essenciais.

²⁸⁰ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 142.

Horkheimer aponta que, para Marx e Engels, a classe que vivencia essa contradição entre o trabalho (que sempre aumenta o desenvolvimento tecnológico capaz de subjugar a natureza) e a organização social (que não permite ao homem sair de uma situação de dominação) é o proletariado, a classe produtiva. Mas, segundo ele, mesmo a experiência do proletariado não é suficiente para conhecer a situação em sua plenitude. Porque até para esta classe, aquela que mais tem condições de enxergar a realidade social e promover uma mudança total, o mundo aparece de forma parcial. É preciso também conscientizar o proletário, informá-lo para que ele veja a situação de maneira global e procure agir visando ao todo, e não apenas à resolução dos problemas da sua classe (o que seria cair numa “dependência escrava da situação vigente”²⁸¹). O intelectual não deve, portanto, deixar-se levar pela “força de criação do proletariado”²⁸²: ele deve fazê-los *perceber a situação social em sua totalidade, e não por sua (parcial) visão classista*. O papel do intelectual (do teórico crítico) é o de alertar e conscientizar a massa²⁸³, atuando para o desenvolvimento dela como elemento crítico e estimulador. Deve ser capaz de mostrar a ela o pensamento “mais atualizado”, que “compreende com mais profundidade o processo histórico” e “que mais promete para o futuro”²⁸⁴.

A teoria crítica, assim, é “face intelectual do processo histórico de emancipação do proletariado”²⁸⁵ e deve se unir a esta classe numa “unidade dinâmica”²⁸⁶ de forma que a teoria crítica ultrapasse sua dimensão teórica, como já mencionamos. Essa unidade (teórico crítico-proletariado) é dinâmica, ou seja, só existe enquanto conflito. É desta tensão, reflete Horkheimer, que surge o vigor do processo de conscientização e liberação de forças. A exposição da situação do todo social para o proletário não tem um caráter meramente intelectual, ela deve ser feita com o objetivo de estimulá-lo a transformar a sociedade. Temos então que a constituição de uma sociedade racionalmente organizada, em que os homens agem livremente é o *objetivo* da teoria crítica. Esta passagem do ensaio explicita de forma exemplar a relação horkheimeriana com a sua atualidade: se a base material está emperrada, é preciso atuar também na

²⁸¹ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 142.

²⁸² HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 143. Podemos notar aqui uma crítica aos materialistas ortodoxos, que insistem na revolução proletária mesmo quando ela se mostra sem condições para ser realizada.

²⁸³ A ação do teórico crítico não visa apenas os proletários, mas os progressistas. Não existe “uma classe social em cujo consentimento se possa basear. A consciência de qualquer camada na situação atual pode reproduzir-se e corromper-se por mais que, devido a sua posição dentro da sociedade, seja destinada à verdade” (HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 162).

²⁸⁴ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 143.

²⁸⁵ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 143.

²⁸⁶ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 144.

superestrutura; se o nazismo impõe uma cultura totalitária, irracional e autoritária (e o idealismo e o positivismo não são capazes de dar conta das necessidades sociais), a teoria crítica deve propor uma visão também totalizante (voltada ao todo social e capaz de atuar em todas as esferas) em sua luta pelo estabelecimento de uma sociedade racional e livre; e se o proletariado está paralisado, o papel do teórico crítico (como responsável pelo desvelamento da realidade social) ganha relevância. A teoria crítica é a resistência possível (e necessária) nessa conjuntura.

E é por isso que ela não se insere no quadro produtivo. Sua prática não tem como resultado um produto, e sim uma nova realidade social. A teoria crítica luta, e como seu foco está na transformação do todo, ela não pode sossegar enquanto a emancipação humana não se completar. Nessa luta, ela pode se apropriar de elementos tradicionais, afirma Horkheimer. Da perspectiva teórica, o pensamento crítico não deve deixar de se relacionar com o tradicional, uma vez que este tem serventia mesmo na sociedade emancipada (porque dá ao homem ferramentas para o controle da natureza). A ciência especializada deve continuar a existir, mas seguindo o direcionamento crítico para o todo da sociedade: ela não pode se conformar a atuar dentro de seus limites, mas deve ultrapassá-los, uma vez que o pensamento não é “algo autônomo e separável”²⁸⁷. Estas diferentes funções entre os pensamentos tradicional e crítico também se desdobram em diferenças nas estruturas lógicas. Na lógica tradicional, os conceitos universais, abstratos, abrangem “todos os fatos de um campo determinado”²⁸⁸, e só internamente podem se dar alterações. Dessa maneira, o pensamento tradicional funciona como um campo fechado, construído a partir de um “núcleo imutável”²⁸⁹. O pensamento crítico, diz Horkheimer, também se inicia com determinações abstratas. Seus conceitos iniciais (mercadoria, valor, dinheiro, exemplifica) podem funcionar como conceitos genéricos, porque se trata de relacioná-los com a realidade por meio de hipóteses: mas o pensamento crítico, diferente do tradicional, vai além desta relação. Isto porque a teoria crítica começa com a caracterização da época atual, mas essa “análise rigorosa do desenrolar histórico” é “dirigida pelo interesse no futuro”²⁹⁰. Os conceitos críticos não agem apenas dentro de um campo específico; pelo contrário, eles se voltam para além dele. Esta diferença lógica (baseada no que podemos chamar de transdisciplinaridade do campo crítico) está de acordo com sua tarefa: o modelo crítico

²⁸⁷ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 144.

²⁸⁸ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 149.

²⁸⁹ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 150.

²⁹⁰ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 152.

não deve colecionar dados de uma área determinada, mas relacionar os saberes de campos diferentes; só assim se poderá estabelecer um diagnóstico completo do presente que permita encontrar nele as fissuras que levarão à construção de um outro futuro.

Isto significa que a teoria crítica trabalha *a partir* do presente, mas não *para* o presente. Seu objetivo é mostrar o que o presente esconde, e não eternizá-lo no futuro. Como a sociedade atual não se mostra por completo, não deixa o pensamento (tradicional) notar aquilo que pode superá-la; esta tarefa de revelar o segredo do presente cabe ao pensamento crítico, porque só este é livre e capaz de observar e se espalhar por toda a sociedade. Consequentemente, a eficiência da teoria crítica não pode ser medida. Ela não é exata nem determinada, não produz algo que pode ser consumido, como as ciências especializadas da teoria tradicional. Ela tem apenas uma direção, uma meta, de modo que está sempre em movimento: não acumula saber sobre o presente, mas *o considera apenas para questioná-lo constantemente*, de maneira a *ultrapassá-lo*.

É importante enfatizar a direção da teoria crítica, pois a sociedade futura como um agrupamento de homens livres era também um dos desejos originais da burguesia. Tal aspiração não se concretizou, mas essa tendência emancipatória não deixou de existir. O que mostra, para Horkheimer, que o simples desejo não é suficiente para realizá-lo: o desenvolvimento material burguês promete um futuro livre; mas não é porque existe como possibilidade que tal futuro será efetivado. A ação humana na sociedade burguesa só pode garantir a existência da liberdade futura como *possibilidade*, não como *realização*. O trabalho dividido (a ação encarcerada em apenas uma esfera específica), longe de garantir essa sociedade livre futura, mantém a continuidade do passado, da ordem burguesa. O pensamento crítico mostra, por meio da explicitação da situação presente, que esse futuro não chegará de modo automático. É preciso agir, *lutar* para realizar a transformação do todo social. E lembremos que, para Horkheimer, *pensar* não se desvincula de *agir*: para o teórico crítico, as dimensões teórica e prática são indissociáveis e se juntam na “atividade histórica concreta”²⁹¹ não apenas para *revelar* a verdade social²⁹², mas também para *provocar* sua transformação.

²⁹¹ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 149.

²⁹² A sociologia, diz Horkheimer, recorre a um conceito abstrato, a *intelligentsia*, para se referir às pessoas que poderiam enxergar mais amplamente o todo social; o problema desta concepção, para o autor, está em que ela coloca o intelectual *além* das classes. Longe do conflito inerente ao relacionamento entre as classes, a *intelligentsia* escapa da possibilidade de atuação e se encerra numa dimensão meramente teórica (logo, numa posição politicamente neutra): ela pretende apontar como é a realidade para que outros sigam seu direcionamento e efetuem a transformação que ela própria é incapaz de realizar. (HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 148-149). Nobre também lembra que Marx criticou os socialistas utópicos por “não ancorarem sua teoria e sua

O autor explica como se dá essa interferência: como a tradicional, a teoria crítica também deduz suas afirmações sobre relações reais de conceitos gerais básicos, considerando as relações como necessárias. Os dois tipos de estrutura teórica são semelhantes, do ponto de vista da necessidade lógica; no entanto, eles se distanciam no que concerne à necessidade do “desenrolar dos fatos”, das “próprias coisas”²⁹³. A semelhança existe quanto à necessidade lógica: a ciência especializada pode recorrer a outras áreas para dar conta de estímulos externos à coisa de que trata esta ciência. Mas a teoria crítica não se descola do contexto social, o que quer dizer que o pensamento crítico, direcionado à totalidade, na verdade não busca algo fora de si; a analogia com a ciência especializada que recorre a uma teoria externa a ela, portanto, não pode ser feita. Exatamente porque esta semelhança é apenas lógica e esconde uma divergência quanto à necessidade da coisa, do acontecimento: persiste “uma diferença decisiva entre sujeito e objeto”²⁹⁴. O pensamento especializado separa sujeito e objeto: como o observador é externo, só pode apreender o acontecimento e ligá-lo à teoria. Ele não pode *alterar* o acontecimento. A necessidade reside exatamente no fato de que ele *não pode alterar* – como não pode alterar, o acontecimento se dá, garantidamente, como ele observou. O pensamento crítico, que integra o desenvolvimento da sociedade, porém, não separa sujeito e objeto. Dá-se com ele o oposto, a observação crítica *influencia* o objeto. Para a teoria crítica,

a construção do desenrolar histórico, como produto necessário de um mecanismo econômico, contém o protesto contra esta ordem inerente ao próprio mecanismo, e, ao mesmo tempo, a ideia de autodeterminação do gênero humano, isto é, a ideia de um estado onde as ações dos homens não partem mais de um mecanismo, mas de suas próprias decisões. O juízo sobre a necessidade da história passada e presente implica na luta para a transformação da necessidade cega em uma necessidade que tenha sentido.²⁹⁵

Em outras palavras, a teoria crítica expressa como as coisas aconteceram até aqui (como *necessariamente* se desenrolaram até este momento), mas pretende mostrar também que elas *não precisam* continuar acontecendo assim. A teoria tradicional só pode aceitar a

prática na realidade concreta do tempo presente e suas determinações” (logo, os acusava de idealistas); no entanto, se contrapôs também àqueles “que pretendem unicamente compreender como *funciona* o sistema capitalista” (logo, criticava uma posição que poderia ser considerada positivista). Estes não eram capazes “de situar historicamente as suas próprias teorias”, não compreendiam que “teorias correspondem sempre a determinadas atitudes diante da dominação existente”. “Com consciência ou não disso, esses pensadores servem à perpetuação do capitalismo e, nessa medida, colaboram para impedir a realização de uma liberdade e de uma igualdade concretamente possíveis”. (NOBRE, Marcos. *Max Horkheimer: A teoria crítica entre o nazismo e o capitalismo tardio*. In: *Curso livre de Teoria Crítica. Curso livre de Teoria Crítica*. Op. cit., p. 13).

²⁹³ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Op. cit., p. 153.

²⁹⁴ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 153.

²⁹⁵ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 153.

realidade, uma vez que o sujeito é diferente do objeto; já a teoria crítica, que faz parte da sociedade (isto é, considera que há identidade entre sujeito e objeto), pode e deve alterá-la.

Horkheimer distingue, assim, dois tipos de necessidade: a *cega*, sem controle humano, que atua para a manutenção de uma ordem social; e aquela que possui um *sentido*, e controlada pelos homens, está voltada para a liberdade humana e a superação da ordem estabelecida. A primeira é a necessidade como se dá no pensamento tradicional, a segunda, no pensamento crítico. O autor apresenta dois sentidos para a necessidade do primeiro tipo, a não-dominada (que, portanto, se opõe ao homem): a natureza e a impossibilidade das sociedades passada e presente alterarem a ordem social. A necessidade do segundo tipo, a dominada, procura então libertar o homem da natureza e da ordem social estabelecida; ela se volta assim para uma situação onde a vontade dos homens também é necessária e “a necessidade da coisa se torna a necessidade de um acontecimento controlado racionalmente”²⁹⁶. Ou seja, “o conceito da necessidade, na teoria crítica é, ele mesmo, crítico; ele pressupõe o conceito de liberdade, ainda que seja uma não existente”²⁹⁷. O dualismo cartesiano, que separa sujeito de objeto, logo, separa o pensamento do ser, tem como consequência “a incapacidade de considerar teoria e *práxis* como unidade” e “a restrição do conceito de necessidade ao ocorrer fatalista”²⁹⁸ (isto é, ao acontecimento não controlado). Este dualismo é adequado tanto à sociedade burguesa quanto à natureza, porque “se iguala a um mecanismo natural”²⁹⁹. Os cientistas que aceitam o dualismo promovem uma reflexão em que são “meros espectadores, participantes passivos de um enorme acontecimento que talvez possa ser previsto, mas de forma alguma dominado”³⁰⁰; e não há problema, neste ponto de vista isolado, uma vez que o interesse do sujeito é apenas científico, ou seja, *conhecer* o acontecimento, e não *influir* nele no futuro.

O pensamento crítico, por sua característica de projeção à modificação social, gera resistência da opinião pública; trata-se, afinal, de uma resistência ao pensamento (dominante) que se limita apenas a “registrar e classificar as categorias da forma mais neutra possível”³⁰¹. Horkheimer aponta dois tipos de resistência: aquela promovida pela maioria dos dominados, que até então buscavam se integrar à ordem e não querem

²⁹⁶ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 154.

²⁹⁷ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 154.

²⁹⁸ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 155.

²⁹⁹ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 155.

³⁰⁰ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 155.

³⁰¹ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 155.

deixar transparecer essa tentativa como um erro; e aquela promovida pelos aproveitadores, que são contra qualquer possibilidade de autonomia intelectual porque tiram proveito dessa situação. Tal oposição se dá, às vezes mesmo contra o pensamento tradicional, observa o autor, porque “qualquer esforço intelectual consequente, preocupado com as questões humanas” deve desaguar na teoria crítica, “a forma mais avançada do pensamento no presente”³⁰². Esse apego à realidade dos fatos e a rejeição a “todo tipo de ilusão” surgiu da “reação contra a coligação entre opressão e metafísica”³⁰³ vivida durante a época medieval. No entanto, argumenta o autor, há “diferença enorme entre o iluminismo empírico do século XVIII e a atualidade”³⁰⁴. Naquela ocasião, reflete, a sociedade burguesa já havia se desenvolvido, dentro do feudalismo, e dele precisava apenas se libertar, “deixar passar”. Agora, porém, para implementar uma nova sociedade, será preciso que o homem esteja consciente da nova forma de vida e que deve atuar para colocá-la em funcionamento: “Mesmo que os elementos da cultura sejam existentes, será necessário uma nova construção consciente das relações econômicas”³⁰⁵. Para atingir tal meta, defende o autor, não se poderá resignar ao obstáculo causado pelas hostilidades. Será preciso perseverar, ser tenaz no esforço transformador que conjuga teoria e *práxis*: parar ou submeter-se significa afetar tanto esta quanto aquela.

O homem deverá também ter consciência plena da realidade social em que vive para ser capaz de propor a resistência crítica. A economia simples de mercadorias se desenvolveu; ela é o estágio fundamental, base a partir da qual surgiram formas de sociedade complexas, como o capitalismo liberal e monopolista. A teoria crítica deve, sob o risco de se tornar mero idealismo (ou ciência específica), considerar o movimento e o desenvolvimento da economia baseada em mercadorias (que dá origem a tal sociedade) em sua totalidade, e não por meio de uma análise de partes isoladas desse movimento em cada período histórico. A economia capitalista se desenvolve e aparece de uma forma em determinado período histórico, mas *sua estrutura econômica fundamental se mantém*³⁰⁶. O conteúdo da teoria crítica, adverte o autor, não se altera completamente ao longo do tempo exatamente porque não se opõe aos acidentes (forma

³⁰² HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 155.

³⁰³ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 156.

³⁰⁴ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 156.

³⁰⁵ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 156.

³⁰⁶ “A maioria dos homens sempre trabalhou sob a direção e o comando da minoria, e esta dependência sempre se expressou numa piora da existência material”. HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit. p. 192.

histórica) da economia de mercadorias, mas àquilo que lhe é essencial. Atualizar o diagnóstico é uma necessidade, portanto, porque o desenvolvimento histórico da economia mercantil altera a importância e o papel de cada um de seus componentes. Ou seja: a teoria crítica é resistência, ela responde sempre à forma mais atual que o modo de produção capitalista assume, por isso não tem um conteúdo definido. Horkheimer dá exemplo: “o conceito da classe social que dispõe dos meios de produção”³⁰⁷. No liberalismo, diz ele, a dominação econômica estava ligada à propriedade dos meios de produção; mas o avanço do modo de produção, afirma ele, afastou os proprietários da direção (“rápida e progressiva concentração e centralização do capital”³⁰⁸) e a administração dos grandes conglomerados ganhou importância nesta nova configuração, o capitalismo monopolista. Os proprietários, que têm poder jurídico, não têm mais o poder para influenciar o desenvolvimento dos meios de produção. “No fim deste processo, perdura uma sociedade não mais dominada por proprietários independentes, mas por camarilhas de dirigentes industriais e políticos”³⁰⁹.

O exposto acima é o diagnóstico que o autor faz da configuração mais atual, para a época (1937), da economia mercantil. E como a teoria crítica se oporia àquela situação? Ora, a teoria crítica não pode se deixar levar pelo que é contingente, pela aparência (“de que propriedade e lucro não desempenhariam mais o papel decisivo”³¹⁰), responde. *O fundamental se mantém*: um grupo de homens (não importa se proprietários ou gerentes, administradores) mantém o poder sobre os meios de produção, explorando a maioria dos homens e das coisas. Mas isto *pode mudar*, como vimos: o fato de sempre ter sido assim não significa que deverá continuar sendo.

As atualizações de diagnóstico devem ser efetuadas pela teoria crítica em outras esferas, como a cultura: a sociedade, como um todo, se baseia no modo de produção mercantil, logo quaisquer alterações transbordam para seus outros campos. Por exemplo, aponta Horkheimer: no liberalismo, havia indivíduo independente; tratava-se de “uma sociedade de sujeitos econômicos relativamente independentes, unidos por meio de contratos”³¹¹. No capitalismo monopolista, porém, não há mais essa “independência relativa do indivíduo”³¹², portanto, não há pensamento próprio; o que existe é uma massa dependente da burocracia e do Estado, que não mais pensa – ela

³⁰⁷ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 157.

³⁰⁸ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 157.

³⁰⁹ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 158.

³¹⁰ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 158.

³¹¹ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 158.

³¹² HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 158.

apenas crê nas disposições dos donos do poder. Nesse contexto, prossegue o autor, as explicações dos fenômenos sociais estão “mais fáceis” e ao mesmo tempo “mais complexas”³¹³. Mais fáceis, explica ele, porque são mais visíveis: “o econômico determina os homens de uma forma mais direta e consciente, e porque a força relativa de resistência e a substancialidade das esferas culturais se encontram num processo de desaparecimento”³¹⁴. Mais complexas, por outro lado, porque “a dinâmica econômica desenfreada degrada a maioria dos indivíduos à condição de meros instrumentos e traz constantemente, em curto espaço de tempo, novos espectros e infortúnios”³¹⁵. Esse contexto de “desorientação reinante”, complementa, desencoraja até “os grupos mais avançados da sociedade”³¹⁶. Novamente ele recorre a um contraste da forma do modo de produção da época com sua configuração anterior; no liberalismo, a burguesia apoiava a verdade (os iluministas); agora, o aparato repressivo do Estado pressiona e tira a possibilidade de ação dos trabalhadores, de modo que “a verdade se abrigou em pequenos grupos dignos de admiração, que, dizimados pelo terror, muito pouco tempo têm para aprimorar a teoria”³¹⁷. Como resultado, “o estado intelectual geral das massas retrocede rapidamente”³¹⁸.

Todo esse desenvolvimento social influencia a estrutura da teoria crítica; é por isso, porque a evolução faz parte do conteúdo da teoria crítica, que estas alterações não se incluem mecanicamente nas partes já existentes. Com isso, não se trata de um *acréscimo* à teoria, mas de uma *renovação* de seus conteúdos – ela é um pensamento aberto, vivo, e seus conceitos podem se alterar porque se referem a uma oposição ao existente. É por isso que o entendimento encontra dificuldades lógicas em sua compreensão, diz o autor³¹⁹. Por exemplo, cita Horkheimer: empresa e empresário são conceitos diferentes “na primeira forma da economia burguesa” e “no capitalismo desenvolvido”; assim, são diferentes também “os conceitos que resultaram da crítica da economia política do século XIX, que visava aos fabricantes liberais” e aqueles “que resultam da crítica da economia política do século XX, que trata dos fabricantes monopolistas”³²⁰. Daí decorre que as contradições que possam existir entre as partes isoladas da teoria crítica não resultam de “erros ou definições mal cuidadas”, mas visam

³¹³ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 159.

³¹⁴ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 159.

³¹⁵ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 159.

³¹⁶ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 159.

³¹⁷ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 159.

³¹⁸ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 159.

³¹⁹ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 159.

³²⁰ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 160.

a “um objeto que se transforma constantemente e que apesar do esfacelamento não deixa de ser um objeto único”³²¹. Ou seja, no seu desenvolvimento, na relação dialética com seus opostos, a teoria crítica pode mudar sua forma: ela se altera porque a burguesia muda e também porque o teórico crítico pode acentuar outros interesses, que estejam mais de acordo com o momento atual da sua luta. Podemos afirmar, assim, que a teoria crítica conta com um núcleo central: seu caráter de antítese ao pensamento da sociedade burguesa. Tal núcleo, como depende desta relação com seu oposto que se altera historicamente, é portanto vivo, mutante, e não um conceito determinado, fechado, ou uma essência estanque.

Há dificuldade, aponta Horkheimer, em falar de mudanças em uma teoria correta, porque no caso de receber alterações, esta teoria já não seria correta. Mas a teoria crítica não é, nesse sentido, idealista, um absoluto que transcende os homens: ela “não está presa a um destino”³²². Dizer que ela engloba momentos e se molda no futuro a novas situações sem mudar seu conteúdo primordial: tal afirmação “pertence à teoria na forma em que ela existe e na forma em que procura determinar a *práxis*”, e não expressa um aumento da “verdade independente dos sujeitos”³²³. Este aumento da verdade independente dos sujeitos, acoplado a uma “confiança no progresso das ciências”, são fundamentais para o conhecimento que está voltado à dominação da natureza, ou seja, à utilização no cotidiano humano. Tal conhecimento, ligado ao pensamento tradicional, seguirá sendo necessário no futuro, seguirá tendo importância para a totalidade da sociedade, como já mostramos anteriormente. Para efetivar tal sociedade, porém, é preciso transmitir a teoria crítica o mais exatamente possível³²⁴, até que a história confirme sua vitória, exalta Horkheimer. De qualquer modo, afirma, não há critérios gerais para a teoria crítica: ela “não tem nenhuma instância específica para si, a não ser os interesses ligados à própria teoria crítica de suprimir a dominação de classe”³²⁵. O conceito idealista de razão, positivo, tem também um conteúdo negativo, que é materialista: a teoria crítica, a suspeita (*negação*); não está voltada à afirmação do que está dado, mas à resistência (possibilidade possível naquele momento em que as oportunidades de revolução estavam fechadas), à supressão da sociedade atual (como meta a ser retomada assim que fosse possível vislumbrar fissuras na conjuntura). A

³²¹ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 160.

³²² HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 161.

³²³ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 161.

³²⁴ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 161.

³²⁵ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 162.

teoria verdadeira “não é tão afirmativa como crítica”, e sua “ação não pode ser produtiva”: a “característica marcante”³²⁶ da atividade intelectual é voltar suas forças para a análise do *todo*, e não de *partes isoladas* (ciências específicas). Só assim se pode chegar à transformação histórica, afirma Horkheimer, pois o modo de pensamento atual leva ao aprofundamento da “oposição entre indivíduo e sociedade”, da ciência que separa pensamento de ação e “se torna cada vez mais abstrata”³²⁷. Este pensamento conformista, que isola a ciência como uma atividade produtiva sem relação com as demais e a totalidade social, é um pensamento que abandona sua própria essência, finaliza o autor.

Em suma: a teoria crítica é mais que um método científico. Ela é uma tentativa de dar conta da realidade social, uma alternativa à dominação de todas as esferas da sociedade imposta pelos estados autoritários (que expressam na política e na cultura a tendência totalitária e dominadora do capital em sua fase monopolista). Como o avanço totalitário fecha as possibilidades de ação (iludindo a classe responsável pela revolução emancipadora, o proletariado, e impedindo que ela tome consciência de seu papel histórico), caberá à teoria crítica provocar a reflexão das massas progressistas (independente de sua classe), no campo intelectual, para que elas possam agir na base material abrindo as oportunidades de instaurar a sociedade livre. Este é o objetivo da teoria crítica, e sua forma deve refletir tal busca: ela parte dos elementos conceituais da teoria tradicional, mas diferente dela, não toma estes conceitos dentro das ciências especializadas, isto é, não considera os conceitos dentro do encadeamento lógico desta determinada ciência. A teoria crítica usa os saberes além dos limites específicos das ciências e os relaciona de maneira livre. Trata-se de um modelo transdisciplinar, diferente do materialismo interdisciplinar do começo da década (em que os saberes ainda eram considerados dentro dos diversos campos de saber e a economia ocupava arranjo central na busca da superação da realidade burguesa). Este desenvolvimento do pensamento horkheimeriano, como vimos, se deve ao fato de que a conjuntura do final da década de 1930 era diferente daquela do início do decênio. Horkheimer apresenta sempre a resposta possível, uma resistência à conjuntura capaz de mostrar o caminho para a emancipação do homem e a construção de uma sociedade livre, em que a produção (e as demais esferas) estão racionalmente organizadas e dirigidas para o interesse de todos (coletividade) e não de poucos (indivíduos). E o materialismo

³²⁶ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 162.

³²⁷ HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos*. Ibid., p. 162.

interdisciplinar (baseado na “teoria econômica da sociedade”, na “teoria marxista da sociedade”) do início do trabalho do IPS não era mais suficiente para dar conta deste objetivo.

5 CONCLUSÃO

Teoria tradicional e teoria crítica é uma resposta filosófica de Horkheimer para um momento histórico específico, e nesse sentido tem um diálogo importante com outros textos da década de 1930. Embora *Teoria tradicional e teoria crítica* seja considerado ponto de partida (porque nele o autor explica de modo mais claro a concepção de teoria crítica), pretendemos mostrar nesta dissertação como o texto de 1937 resulta de um desenvolvimento teórico e como este caminho intelectual apresenta respostas às vicissitudes de cada período – uma época de transformações muito rápidas³²⁸. A leitura dos textos de Horkheimer ao longo dos anos 1930 mostra como o autor sempre busca uma saída, vislumbra sempre uma alternativa para resistir à realidade. Detivemo-nos mais demoradamente nos ensaios *Origens da filosofia burguesa da história*; *Autoridade e família* e *Egoísmo e movimento emancipador*; e *Teoria tradicional e teoria crítica* porque são os que apresentam a consolidação de cada uma das diferentes abordagens do autor durante a primeira fase de seu pensamento. Em comum com estas diversas etapas, além da relação com a realidade (como efetivamente se esperaria um filósofo que toma a obra de Marx como referência), está o fato de que Horkheimer “nunca renunciou a seu compromisso com a teoria crítica. Uma preocupação com a negação do sofrimento e a força emancipatória da subjetividade livre nunca o deixou”³²⁹. Isto é o mesmo que dizer que, para se manter fiel a Marx, Horkheimer teve que traí-lo. “Traição” é um termo demasiado; na verdade, o filósofo teve que ir além da proposta marxiana original:

Horkheimer insiste em que só é possível continuar a vertente intelectual da Teoria Crítica indicando primeiramente todos os pontos em que as análises inaugurais de Marx já não são suficientes para entender o presente. Dito de outra maneira, a ideia mesma de Teoria Crítica exige uma permanente atenção às transformações sociais, econômicas e políticas em curso e uma constante revisão e renovação das análises em vista de uma compreensão acurada do momento presente. (...) essa atualização é possível porque cada

³²⁸ Tão rápidas que mesmo poucos anos depois, no começo dos anos 1940, o modelo da teoria crítica presente na *Dialética do esclarecimento* e no *Eclipse da razão* já seja diferente daquele apresentado em *Teoria tradicional e teoria crítica*. Conforme Nobre (NOBRE, Marcos. *Max Horkheimer: A teoria crítica entre o nazismo e o capitalismo tardio*. In: *Curso livre de Teoria Crítica. Curso livre de Teoria Crítica*. Op. cit., p. 36), há “rupturas importantes” entre os modelos críticos horkheimerianos dos anos 1930 e dos anos 1940, mas também “linhas de continuidade”. Mas o próprio Horkheimer nos declara que há uma diferença: “Renegar a filosofia idealista e, juntamente com o materialismo histórico, visar o término da pré-história da humanidade me parecia uma alternativa teórica perante a resignação diante da temerosa corrida rumo a um mundo administrado. (...) Desde o fim da guerra, porém, a meta mudou. A sociedade se encontra em nova fase” (HORKHEIMER, Max. *Prefácio para a reedição (1968)*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 4). Não vamos nos ater a esta discussão, uma vez que nosso objetivo é focar o desenvolvimento do pensamento de Max Horkheimer ao longo da década de 1930.

³²⁹ BRONNER, Stephen Eric. Op. cit., p. 95.

nova tentativa de compreender o mundo do ponto de vista crítico exige um novo diagnóstico do tempo presente, uma compreensão nova das relações de dominação e das possibilidades de superá-las.³³⁰

Assim, temos que, em um primeiro momento – ao qual correspondem *Origens da filosofia burguesa da história* e o materialismo interdisciplinar proposto ao assumir a direção do IPS –, o pensamento de Horkheimer se refere a uma situação em que o marxismo passa a ser aceito na Academia (o que permite uma leitura mais filosófica e menos ortodoxa de Marx) e, ao mesmo tempo, o proletariado³³¹ ainda é visto como capaz de fazer a revolução socialista (numa conjuntura político-econômica desfavorável ao liberalismo e suas instituições). O materialismo dialético, longe dos determinismos revolucionários, se coloca para o autor como uma opção teórica viável entre o idealismo, o irracionalismo e o racionalismo de viés positivista³³². Naquele momento, como vimos, era necessário recuperar o caráter revolucionário que o Esclarecimento tivera, ou seja, era preciso resgatar a dimensão crítica, *negativa* do Esclarecimento – o que poderia ser feito, segundo sua posição na época, por meio do estabelecimento de uma direção apropriada (a emancipação humana) às ciências específicas. Isto permitiria uma visão total da sociedade por um viés materialista (num arranjo que teria a economia como eixo central) e voltado à instauração da liberdade. E é exatamente essa “teoria econômica da sociedade”, como ele menciona em *Materialismo e metafísica*, que guia os ensaios de Horkheimer do início dos anos 1930.

Não estamos dizendo, porém, que este primeiro período do pensamento horkheimeriano possui fases bem definidas: o que há é um desenvolvimento, uma tomada de posição em reação a sua atualidade que o faz refletir sobre alternativas capazes de direcionar a sociedade à emancipação. Por exemplo: de fato, no início da década de 1930, para Horkheimer, o proletário é o ator da revolução. A leitura dos ensaios do período mostra não um rompimento abrupto com tal opinião, mas como essa

³³⁰ NOBRE, Marcos. *Max Horkheimer: A teoria crítica entre o nazismo e o capitalismo tardio*. In: *Curso livre de Teoria Crítica*. Curso livre de Teoria Crítica. Op. cit., p. 35.

³³¹ “Quem trabalha em tarefas sociais, no sentido da teoria materialista, não deseja, com base em reflexões abstratas, alcançar *seu próprio bem estar* por meio de mudança social. De fato, isso seria um pensamento altamente *unilateral*, que, já pelo longo tempo necessário à mudança social, se mostraria vão. A transição do pensamento individualista para o conhecimento da situação social se caracteriza menos pelo fato de que um único sujeito revisa suas ideias do que pelo fato de que a teoria correta está sendo adotada por camadas sociais que, em determinados momentos históricos, *são preparadas especialmente para isso pela sua posição no processo de produção*” (HORKHEIMER, Max. *Da discussão do racionalismo na filosofia contemporânea*. In *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 120-121). Os itálicos são nossos, para enfatizar qual era, para o autor, o papel do proletariado no início da década.

³³² “Na disputa entre racionalismo e irracionalismo, o materialismo não se alia a nenhum dos lados” (HORKHEIMER, Max. *Da discussão do racionalismo na filosofia contemporânea*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 135).

referência vai, aos poucos, se desfazendo. A herança moral se transfere lentamente para novas camadas, diz: “muitos dos próprios proletários acusam os traços burgueses sob o domínio da lei natural; da mesma maneira, escritores burgueses tardios, como Zola, Maupassant, Ibsen e Tolstói, constituem verdadeiros testemunhos da bondade moral”³³³. Até o ponto em que, em *Autoridade e família*, o proletário não possui mais, sozinho, condições de fazer a revolução: “Elas [reviravoltas na história universal] costumam ser causadas ativamente por grupos nos quais a decisão não se origina de uma natureza psíquica enrijecida, mas o próprio conhecimento se transforma em poder”³³⁴. Isto quer dizer, como vimos em *Teoria tradicional e teoria crítica*, que a transformação social não depende de uma classe específica, mas da união das massas com os pensadores progressistas. Trata-se de duas opiniões diferentes sobre o papel do operariado, uma do começo e outra do final do decênio, mas não há uma ruptura brusca entre elas, e sim uma evolução baseada na situação movediça de então.

O mesmo ocorre com as diferentes concepções de materialismo, a interdisciplinar e a que chamamos de transdisciplinar. Pretendemos mostrar, nesta dissertação, como ele lentamente deixa a primeira e se direciona para a segunda. O modelo em que as ciências atuam isoladas, ainda que dirigidas para um horizonte crítico, já começa a ser superado em 1934, quando ele nos diz que as ciências individuais “fornecem apenas os elementos teóricos para a construção teórica da evolução histórica, e estes não continuam na representação aquilo que foram nas ciências individuais, mas recebem novas funções de significado, das quais não se falou antes”³³⁵. No ano seguinte, ele dá um exemplo desta necessária retirada dos conceitos do que poderíamos chamar de “caixas ideológicas”:

Em *O Capital*, Marx introduz os conceitos básicos da clássica economia política inglesa: valor de troca, preço, horário de trabalho e outros, de acordo com as suas definições exatas. (...) No entanto, no curso da apresentação, estas categorias adquirem novas funções; contribuem para um todo teórico, cujo caráter contradiz tanto as ideias estáticas dentro das quais elas se originaram quanto, sobretudo, a sua aplicação não-criticamente isolada [isto é, no âmbito da ciência especializada]. O conjunto da economia materialista é oposto ao sistema da economia clássica, e, no entanto, são aceitos alguns conceitos.³³⁶

Horkheimer conclui afirmando que os conceitos devem conservar isoladamente suas definições, e em conexão, se tonar elementos de novas unidades de sentido: “Na

³³³ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 84.

³³⁴ HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 191.

³³⁵ HORKHEIMER, Max. *Da discussão do racionalismo na filosofia contemporânea*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 112.

³³⁶ HORKHEIMER, Max. *Sobre o problema da verdade*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 168.

‘fluidez’ dos conceitos reflete-se o movimento da realidade”³³⁷. Temos aí uma expressão do modelo transdisciplinar (capaz de dar conta da totalidade social) que ele consolida sob o nome de teoria crítica em 1937.

Autoridade e família é um exemplo deste novo modelo. No ensaio, Horkheimer já faz teoria crítica: ele utiliza os dados empíricos da pesquisa, mas não os apresenta. O autor *reflete* sobre eles, isto é, parte da realidade não para constatar-la, mas para pensá-la a partir de uma teoria (transdisciplinar, que mistura conceitos das ciências tradicionais, notadamente economia e psicanálise) que visa a sua superação, ou seja, se orienta para a emancipação humana. *Autoridade e família* mostra a tentativa horkheimeriana de resistir à sociedade capitalista usando elementos do materialismo dialético. Mas o texto explicita também que, para dar conta de um momento em que o liberalismo decai e o monopolismo ascende, com seus reflexos na política totalitária, não se poderia apenas lutar no *front* da base material. Naquela situação, o proletariado não estava pronto para fazer a revolução, por isso crescia a relevância do intelectual e da batalha no campo da cultura. *Autoridade e família* expressa também a mudança de orientação para tal combate: como a circunstância mudou, as armas utilizadas para responder a ela tiveram também que se modificar. A economia é o fundamento da sociedade, mas para compreender a realidade social em sua totalidade não bastavam mais categorias econômicas; para transformá-la, seria preciso incorporar outras disciplinas. Isto já estava presente no materialismo interdisciplinar horkheimeriano do começo dos anos 1930, mas não é mais disso que se trata em meados da década. A absorção da psicanálise, realizada por conta da conjuntura (repetimos, do avanço do nazismo, da incapacidade de ação dos operários e mesmo da vivência do autor em meio à comunidade científica de viés positivista e pragmatista dos Estados Unidos³³⁸), se dá além das barreiras da psicanálise como ciência específica: é o que ele faz em *Autoridade e família*.

Assim, vemos como *Teoria tradicional e teoria crítica* não é um mero início, mas representa o resultado de um desenvolvimento teórico que ocorre ao longo daqueles anos sombrios. O ensaio de 1937 apresenta, de modo objetivo, uma nova concepção

³³⁷ HORKHEIMER, Max. *Sobre o problema da verdade*, in: *Teoria Crítica I*. Ibid., p. 168.

³³⁸ “É interessante notar que a interpretação do Esclarecimento efetuada por Horkheimer começou a mudar em meados dos anos 30. Depois de emigrar para os Estados Unidos e começar a verificar quão dominante a tradição positivista ainda era nos Estados Unidos, Horkheimer passou a acreditar que uma crítica às limitações do positivismo ainda era importante” (ABROMEIT, John. *The Vicissitudes of the Politics of “Life”: Max Horkheimer and Herbert Marcuse’s Reception of Phenomenology and Vitalism in Weimar Germany*. Op. cit., p. 27).

teórica que já fora inclusive utilizada. *Teoria tradicional e teoria crítica* expressa o ser (parte do diagnóstico da sociedade burguesa) e também o vir-a-ser (a possibilidade de avaliar criticamente essa sociedade visando sua superação). Ele mostra que havia um outro caminho para as ciências humanas, desde que elas deixem de funcionar isoladamente e se afastassem de vez do modelo positivista (que ainda podia ser notado no materialismo interdisciplinar); só essa visão global seria capaz de se contrapor a uma realidade em que a fragmentação imposta pelo capitalismo monopolista escondia o totalitarismo e levava à dominação da vida em todas as suas dimensões. Apenas esta noção de totalidade, aplicada à teoria, seria capaz de resgatar a dimensão crítica e aplacar o totalitarismo nazista. O ensaio responde exatamente a sua época e evoca uma possibilidade de alternativa para o futuro. Pretendemos mostrar neste trabalho, assim, como a resistência proposta por Horkheimer se transforma em outra forma de resistência no final da década, e como essa evolução se fundamenta sempre em uma alteração na conjuntura histórica. Com isso, Horkheimer nos ensina que o pensamento verdadeiramente crítico deve acompanhar o desenrolar da conjuntura histórica até a realização da sociedade emancipada. Para agir, devemos sempre atualizar a crítica, mantendo a capacidade de nos opor à forma mais atualizada do capitalismo: “Ele [o materialista] pergunta em que relação esta grandeza se encontra, num momento dado, com as metas que ele se propõe, e age de acordo com a situação concreta”³³⁹.

³³⁹ HORKHEIMER, Max. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Op. cit., p. 85. Itálico nosso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMEIT, John. *The Vicissitudes of the Politics of "Life": Max Horkheimer and Herbert Marcuse's Reception of Phenomenology and Vitalism in Weimar Germany*. Paper apresentado durante o evento *Living Weimar: Between System and Self*, realizado na Universidade de Indiana (22 e 23 de setembro de 2006). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2022/1833>>. Acesso em 23 ago. 2013.

BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*. Trad.: Tomás R. Bueno e Cristina Meneguelo. 1ª edição. Campinas: Papirus Editora, 1997.

CHIARELLO, Maurício Garcia. *Das lágrimas das coisas – Estudo sobre o conceito de natureza em Max Horkheimer*. 1ª edição. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Fapesp, 2001.

FREITAG, Barbara. *A Teoria Crítica: Ontem e hoje*. 5ª edição, 1984. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

HOBBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991*. Trad.: Marcos Santarrita. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HORKHEIMER, Max. *Autoridade e família*. In: *Teoria Crítica I*. Trad.: Hilde Cohn. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____. *Da discussão do racionalismo na Filosofia contemporânea*. In: *Teoria Crítica I*. Trad.: Hilde Cohn. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____. *Egoísmo y movimiento liberador*. In: *Teoría Crítica*. Trad. Para o espanhol de Edgardo Albizu e Carlos Luis. Amorrortu editores. Buenos Aires: 1974.

_____. *Filosofia e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *História e psicologia*. In: *Teoria Crítica I*. Trad.: Hilde Cohn. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____. *Materialismo e metafísica*. In: *Teoria Crítica I*. Trad.: Hilde Cohn. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____. *Materialismo e moral*. In: *Teoria Crítica I*. Trad.: Hilde Cohn. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____. *Observações sobre ciência e crise*. In: *Teoria Crítica I*. Trad.: Hilde Cohn. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____. *Origens da filosofia burguesa da história*. Trad.: Maria Margarida Morgado. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

_____. *Prefácio para a reedição*. In: *Teoria Crítica I*. Trad.: Hilde Cohn. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____. *Sobre o problema da verdade*. In: *Teoria Crítica I*. Trad.: Hilde Cohn. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____. *Teoria tradicional e teoria crítica*. In: *Textos escolhidos* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1975.

JAY, Martin. *A imaginação dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Trad.: Vera Ribeiro. 1ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2008.

MATOS, Olgária Chain Féres. *Introdução*. In: *Teoria Crítica I*. Trad.: Hilde Cohn. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

NOBRE, Marcos. *Max Horkheimer: A teoria crítica entre o nazismo e o capitalismo tardio*. In: NOBRE, Marcos. (Org.) *Curso livre de Teoria Crítica*. 2ª edição. Campinas: Papirus, 2009.

SETTEMBRINI, Domenico. *Verbete Social-democracia*. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). *Dicionário de política*. Trad.: Carmen C. Varriale... [et al.]. 5ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: História, desenvolvimento teórico, significação política*. Trad. do alemão por Lilyane Deroche-Gurgel e do francês por Vera de Azambuja Harvey. 1ª edição. Rio de Janeiro: Difel, 2002.